



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

IFOCS E O DESENVOLVIMENTO DO DISTRITO DE  
SÃO GONÇALO.

FERNANDO RODRIGUES DE ARAUJO

CAJAZEIRAS-PB  
2017

FERNANDO RODRIGUES DE ARAUJO

IFOCS E O DESENVOLVIMENTO DO DISTRITO DE  
SÃO GONÇALO.

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para obtenção de nota.

Orientador: Prof. Ms. Isamarc Gonçalves Lôbo.

Cajazeiras-PB  
2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764  
Cajazeiras - Paraíba

A659i Araújo, Fernando Rodrigues de.  
IFOCS e o desenvolvimento do distrito de São Gonçalo / Fernando Rodrigues de Araújo. - Cajazeiras, 2017.  
93p. : il.  
Bibliografia.

Orientador: Prof. Me. Isamarç Gonçalves Lôbo.  
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2017.

1. Desenvolvimento socioeconômico - história. 2. Distrito de São Gonçalo - Paraíba. 3. Nordeste - desenvolvimento - história. 4. Seca. 5. Inspeção Federal de Obras Contra as Secas - IFOCS. I. Isamarç Gonçalves Lôbo. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 332.14(091)(813.3)



## RESUMO

Este trabalho tem como finalidade analisar a Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS) e sua atuação na estruturação do Distrito de São Gonçalo - PB. O recorte temporal desta pesquisa compreende os anos entre 1909 e 1945, apesar de usar imagens atuais do distrito, como comparação do antes e do hoje. Minha hipótese de trabalho é que a ação do IFOCS foi crucial para o nascimento e desenvolvimento do Distrito de São Gonçalo. Para auxiliar e enriquecer o tema em debate realizei uma breve apresentação do Nordeste e sua formação sobre a ótica de Gilberto Freyre, Djacir Menezes, Durval Muniz e Mariana Moreira. Estes autores apresentaram no primeiro capítulo as diversas maneiras de ver e conceituar o Nordeste. Abriam um leque de possibilidades de compreender esse vasto território atingido pelas secas. No capítulo que segue apresentei a origem do termo IFOCS, seus idealizadores e suas ações iniciais que iriam gerar meios para amenizar os efeitos da estiagem no Sertão. No terceiro e último capítulo surgem as obras construídas pelo IFOCS que ainda hoje geram seus benefícios, algumas perderam suas forças de atuação durante o tempo. Durante a leitura será possível perceber os impactos do órgão federal no distrito de São Gonçalo, algumas de suas principais construções no Distrito de São Gonçalo e suas estratégias de combate às secas até o período de 1945. Neste caso citei o Açude Público, a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, os Apartamentos, Casa de Hóspedes, Posto Telefônico, Prédios do Instituto Agrônômico e dos Usuários da água do Açude Público, os Laboratórios de Solos, a Rua 16, a Igreja Católica e o Colégio Estevam Marinho. Todas essas obras representam os espaços de vivências dos são-gonçalenses e a base dessa pesquisa.

**Palavras-Chave:** Nordeste; IFOCS; desenvolvimento socioeconômico; Distrito de São Gonçalo-PB.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO 1- NORDESTE OU NORDESTES?.....</b>	<b>18</b>
1.1. O NORDESTE SENTIDO E EXPERIMENTADO: GILBERTO FREYRE E DJACIR MENEZES. ....	19
1.2. O NORDESTE CONSTRUÍDO: DURVAL MUNIZ E MARIANA MOREIRA.....	27
<b>CAPÍTULO 2 - A ORIGEM DO IFOCS E SUA ATUAÇÃO CONTRA AS SECAS DURANTE O SÉCULO XX.....</b>	<b>41</b>
2.1. IOCS - IFOCS - DNOCS (1919) .....	41
<b>CAPÍTULO 3 - DISTRITO DE SÃO GONÇALO: UM DOS FRUTOS DO IFOCS .....</b>	<b>53</b>
3.1. EM MEIO ÀS OBRAS DO IFOCS SURGE O DISTRITO DE SÃO GONÇALO. ....	55
3.2. – OUTRAS IMPORTANTES OBRAS DO IFOCS EM SÃO GONÇALO. ....	71
3.3. ORIGEM DO NOME SÃO GONÇALO.....	78
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>83</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>85</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>87</b>

Aos meus alunos e alunas da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Dione Diniz (Núcleo Habitacional II – São Gonçalo - PB). A Raimunda Tereza de Araujo, Antônio Galdino de Araujo, Paccelli Gurgel, Maria Tereza Florentino, Raimundo Araujo, Monsenhor Gualberto, Diego Silva de Menezes Vasconcelos; Maria do Socorro Araujo, Iranir dos Santos e Allan Avelino: todos in memoriam. A ex-aluna Joyce Garrido. Aos professores e professoras do Brasil, a minha família e amigos.

**DEDICO**

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus.

A Jesus.

Agradeço aos eternos professores das escolas Estevam Marinho, Celso Mariz e Nossa Senhora de Lourdes. Aos professores da UFCG – Cajazeiras – PB. Aos amigos que sempre souberam ficar perto e entender meus excessos e ausências (Ana Lúcia, Anderson, Aline, Danielle Vidal, Daiane, Emanuel, Estefânia, Jerisnalda, Helder, Leidiane, Janaina, Franciélío, Manuela, Rafaela, Frailson, Daniele Carneiro, Lindalva, Murilo). Agradeço a Gorete Bernardino e Elizabete Bernardino pelo encorajamento. Agradeço a minha mãe Lúcia por ter me dado o direito de viver. Agradeço as minhas tias Lidia Araujo, Fátima Rodrigues, Lúcia e Tereza Araujo, ao meu irmão Neto Rodrigues e aos meus primos Paula Araujo, Karina Araujo e Italo Araujo. Aos professores Gilmar Araújo, Clemilson, Irbia, Lourdinha e Zélia (são testemunhas do meu esforço). Ao eterno professor e orientador Isamarç Gonçalves Lôbo, por tanta paciência e disposição.

Vamos viver no Nordeste, Anarina.  
Deixarei aqui meus amigos, meus livros, minhas riquezas, minha vergonha.  
Deixarás aqui tua filha, tua avó, teu marido, teu amante.  
Aqui faz muito calor.  
No Nordeste faz calor também.  
Mas lá tem brisa.  
Vamos viver de brisa, Anarina.  
(Manuel Bandeira, 1948).

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1.</b> Desenho de Manoel Bandeira, 1937, Gilberto Freyre.....	23
<b>Imagem 2.</b> Os Retirantes, Portinari, 1944.....	34
<b>Imagem 3.</b> Esquema Geral do Sistema do Alto Piranhas.....	47
<b>Imagem 4.</b> Visita de Getúlio ao Distrito de São Gonçalo.....	49
<b>Imagem 5.</b> Visita de Getúlio ao Distrito de São Gonçalo.....	50
<b>Imagem 6.</b> Laboratórios do IAJAT.....	51
<b>Imagem 7.</b> Laboratórios do IAJAT.....	51
<b>Imagem 8.</b> Foto panorâmica do prédio do IAJAT.....	52
<b>Imagem 9.</b> Maquinário na escavação do Açude.....	59
<b>Imagem 10.</b> Inauguração do Açude Público de São Gonçalo.....	60
<b>Imagem 11.</b> Açude Público de São Gonçalo.....	60
<b>Imagem 12.</b> Açude Público de São Gonçalo.....	61
<b>Imagem 13.</b> Sangradouro do Açude Público de São Gonçalo.....	61
<b>Imagem 14.</b> Trabalhadores em frente ao IAJAT.....	64
<b>Imagem 15.</b> Atual prédio do IFOCS.....	65
<b>Imagem 16.</b> Trabalhadores do IFOCS.....	65
<b>Imagem 17.</b> Entrevista com colono para entrega de casas.....	67
<b>Imagem 18.</b> Construção do IAJAT.....	69
<b>Imagem 19.</b> Imagem panorâmica do IAJAT.....	69
<b>Imagem 20.</b> Prédio do IAJAT.....	70
<b>Imagem 21.</b> Prédio da JUSG.....	70
<b>Imagem 22.</b> Campos Experimentais do IAJAT.....	71
<b>Imagem 23.</b> Folheto sobre o IAJAT.....	73
<b>Imagem 24.</b> Imagem panorâmica do Distrito de São Gonçalo.....	74

<b>Imagem 25. Escola Estevam Marinho.....</b>	<b>75</b>
<b>Imagem 26. Pavimentação da Rua 16.....</b>	<b>76</b>
<b>Imagem 27. Rua 16 atualmente.....</b>	<b>77</b>
<b>Imagem 28. Igreja Católica e Rua 16.....</b>	<b>77</b>
<b>Imagem 29. Posto telefônico de São Gonçalo.....</b>	<b>78</b>
<b>Imagem 30. Casa de Hóspedes.....</b>	<b>78</b>
<b>Imagem 31. Apartamentos.....</b>	<b>79</b>
<b>Imagem 32. Apartamentos atualmente.....</b>	<b>79</b>
<b>Imagem 33. Cooperativa.....</b>	<b>80</b>
<b>Imagem 34. Cooperativa atualmente.....</b>	<b>80</b>
<b>Imagem 35. Fábrica de manilhas, telhas e tijolos.....</b>	<b>81</b>
<b>Imagem 36. Hospital e Maternidade do Distrito de São Gonçalo.....</b>	<b>82</b>
<b>Imagem 37. Gruta de Nossa Senhora de Lourdes.....</b>	<b>83</b>
<b>Imagem 38. Imagem de São Gonçalo (Padroeiro).....</b>	<b>84</b>
<b>Imagem 39. Planta Gonçalave.....</b>	<b>84</b>

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1.</b> Nordeste: secas do século XVIII.....	<b>26</b>
<b>Tabela 2.</b> Nordeste: secas do século XIX.....	<b>27</b>
<b>Tabela 3.</b> Dados dos gastos com o Açude Público de São Gonçalo.....	<b>54</b>

## **LISTA DE MAPAS**

<b>Mapa 1.</b> Perímetro Irrigado de São Gonçalo.....	<b>57</b>
<b>Mapa 2.</b> Perímetro Irrigado de São Gonçalo, Núcleos Habitacionais I, II e III..	<b>74</b>

## **LISTA DE SIGLAS**

- DNOCS** Departamento Nacional de Obras Contra as Secas.
- IFOCS** Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas.
- IOCS** Inspetoria de Obras Contra as Secas.
- PB** Paraíba.
- PISG** Perímetro Irrigado de São Gonçalo.
- JUSG** Junta dos Usuários de Água do Açude de São Gonçalo.

## INTRODUÇÃO

São Gonçalo é um pequeno distrito pertencente ao município de Sousa – PB, e é uma das obras fruto da organização de emergência as secas existentes no nordeste brasileiro. Neste trabalho expliquei que o grande responsável pela idealização e a construção de São Gonçalo foi o Instituto Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS).

Por alguns instantes eu chego a pensar que o sol de São Gonçalo, Sousa-PB brilha mais forte e esquenta com uma intensidade maior que outras regiões desse nordeste querido. Em meio ao calor escaldante surge um cenário de seca que insiste sempre em retornar tomando o lugar do verde que tenta apresentar-se por algum tempo nesse pequeno distrito paraibano. Foi nesse cenário que surgiu meu desejo de escrever esse trabalho, apresentando o Nordeste, o IFOCS, as ações do Governo Federal, a construção do Açude Público e o impacto que este trouxe para a região que outrora pouco habitável, posteriormente, cobijada por trabalhadores de diversos lugares.

O trabalho aqui apresentado aborda a história e atuação do Instituto Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS) no local que outrora receberia o nome de Distrito de São Gonçalo, Sousa-PB.

O tema aqui abordado é o IFOCS e o desenvolvimento do Distrito de São Gonçalo, Sousa-PB, o trabalho aborda as questões do Nordeste, alguns de seus conceitos e a atuação do Governo Federal em relação à estiagem. Minha pesquisa caminhou pelo “fazer Nordeste” e trilhou os passos do IFOCS. Foi necessária uma pesquisa minuciosa do local e a ajuda de pessoas que narraram fatos históricos sobre o Distrito de São Gonçalo. Josemar Alves Soares (funcionário público federal – IFPB – Sousa – PB) e José Messias Filho (Engenheiro Agrônomo – Sousa - PB) são responsáveis por grande parte das fontes que utilizei nessa pesquisa. Os livros de Josemar Alves Soares narram a história do Distrito de São Gonçalo e as imagens que aparecem na minha pesquisa pertencem ao Sr. José Messias Filho.

Apresento nessa pesquisa o Distrito de São Gonçalo antes e hoje, sua gênese e imagens do que é o Distrito hoje. Descrevi aqui o surgimento de São Gonçalo através do IFOCS, a atração populacional ocorrida durante o início das obras e a concretização da construção do Açude Público, bem como das permanências das famílias que se constituíram no local. Faço minhas as palavras de Certeau (2008, p. 35) quando este disse que:

Os relatos de que se compõe essa obra pretendem narrar práticas comuns. Introduzi-las com as experiências particulares, as frequentações, as solidariedades e as lutas que organizam o espaço onde essas narrações vão abrindo um caminho, significará delimitar um campo. Com isso, será preciso igualmente uma “maneira de caminhar”, que pertence, aliás, às “maneiras de fazer” de que aqui se trata. Para ler e escrever a cultura ordinária, é mister reaprender operações comuns e fazer da análise uma variante de seu objeto.

A citação acima é a base teórica que desenvolvi nessa pesquisa. Foram às experiências particulares de um povo que deram origem as várias maneiras de interpretar o Nordeste. Os espaços e diálogos surgem através das experiências diárias, dando origem às solidariedades de um povo e os laços de companheirismo que outrora surgira. O Distrito de São Gonçalo é mais que um local onde o Governo Federal investiu em obras para amenizar os efeitos das estiagens. Apresentei aqui que São Gonçalo surgiu da coragem de um povo.

Esse povo se “apoderou” do espaço e aqui fizeram-se gente feliz, trocando experiências particulares, solidariedades e as lutas, como citei anteriormente em Certeau.

No primeiro capítulo caminharemos e conheceremos outras formas e conceitos de Nordeste, de Sertão. Com auxílio das obras de Gilberto Freyre, Djacir Menezes, Durval Muniz e Mariana Moreira realizo neste capítulo uma breve apresentação do Nordeste e as possíveis leituras deste espaço geo-histórico. Gilberto Freyre apresenta o Nordeste da cana-de-açúcar, da casa grande, do massapê. Djacir Menezes apresenta o cangaceiro, o rezador, aquele que reza aos céus esperando a chuva pra molhar a terra. Durval Muniz e Mariana Moreira realizam uma explanação do enxergar o Nordeste como olhos de “novas” possibilidades. Confesso que ao ler Durval Muniz e Mariana Moreira realmente desconstruí alguns pensamentos e discursos já prontos acerca do Nordeste. O primeiro capítulo há esse conjunto dos Nordeste: o Nordeste sentido e experimentado (Gilberto Freyre e Djacir Menezes) e o Nordeste Construído (Durval Muniz e Mariana Moreira).

Já no segundo capítulo o leitor poderá conhecer a origem do IFOCS, sua nomenclatura, que passou por mudanças e entender que o objetivo principal de sua criação era o combate às secas que assolaram o nordeste brasileiro. Foi o primeiro órgão federal a estudar a problemática do semiárido, marcando sua presença no solo nordestino. Suas ações iniciais compreenderam captação, desenvolvimento e gerenciamento de recursos hídricos, através da

construção de barragens nas áreas afetadas pelas secas. No final de 1921 e início de 1922 São Gonçalo foi beneficiado com a construção de uma dessas barragens. Neste capítulo descrevi o interesse que as autoridades federais tiveram em investir no combate a estiagem. É a partir daí que as obras de assistencialismo irão surgir, embora com interrupções nos investimentos, como citei no capítulo. Foi no governo de Getúlio Vargas que o IFOCS surge como construtor das principais obras e da criação do Distrito de São Gonçalo. O Instituto Agrônomo José Augusto Trindade (IAJAT) abriu portas ao desenvolvimento.

O terceiro capítulo é o que posso chamar do capítulo da concretização, da finalização, dos frutos, dos laços construídos e lembrando Certeau apresentei que a “arte de fazer” do IFOCS trouxe obras impactantes ao Distrito com a construção do açude, escola, cooperativa, hospital, apartamentos, casas de hóspedes, posto telefônico, igreja, ruas, laboratórios de solos, núcleos habitacionais I, II, III e postos agrícolas. Além da origem do Distrito apresentei também o porquê de ter recebido o nome de São Gonçalo e imagens de obras importantes construídas pelo IFOCS.

Minha intenção com este trabalho foi apresentar o Nordeste, a estiagem e a intervenção do governo para amenizar os prejuízos que esta vem a causar nos lugares onde ali está.

## **CAPÍTULO 1- NORDESTE ou NORDESTES?**

A literatura especializada durante o século XX nos apresenta várias visões do que seria o Nordeste brasileiro. Historicamente, foi o núcleo de ocupação inicial do nosso país, graças à exploração do pau-brasil e da produção açucareira. E hoje é tida como o gargalo de subdesenvolvimento econômico do Brasil. Neste capítulo pretendemos passear por alguns autores que nos apresentam estes nordestes. Em especial Gilberto Freyre (1937), Djalma Menezes (1970), Durval Muniz (2011), e Mariana Moreira (2013) nos mostram vários nordestes.

Como o objetivo é discutir a ação do IFOCS na construção do distrito de São Gonçalo, é preciso compreender as interpretações acerca do Nordeste (região do país situada entre o Norte e o Leste). Os estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia formam a região Nordeste. Segundo Durval Muniz (2011, p. 81):

O termo Nordeste é usado inicialmente para designar a área de atuação da Inspeção Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), criada em 1919. Neste discurso institucional, o Nordeste surge como parte do Norte sujeita às estiagens e, por essa razão, merecedora de especial atenção do poder público federal. O Nordeste é, em grande medida, filho das secas; produto imagético-discursivo de toda uma série de imagens e textos, produzidos a respeito deste fenômeno, desde que a grande seca de 1877 veio colocá-la como o problema mais importante desta área. Estes discursos, bem como todas as práticas que este fenômeno, paulatinamente instituem-se como um recorte espacial específico, no país.

O Nordeste será apresentado não só como a região em que a problemática das secas faz seus reféns. A seguir, os autores já citados anteriormente apresentam a região e suas diversas possibilidades de entendê-la. É nesse espaço que surgirá durante o século XX uma autarquia federal que terá como principal objetivo criar meios para resistir às estigmas das secas: o IFOCS.

### **1.1. O NORDESTE SENTIDO E EXPERIMENTADO: GILBERTO FREYRE E DJACIR MENEZES.**

Gilberto Freyre apresenta a chamada “civilização do açúcar”, seus impactos e influência no cotidiano do cidadão nordestino. A produção da cana-de-açúcar no Nordeste, na maioria das vezes, era precária. Freyre trás a tona questões políticas, culturais e sociais acerca do escravismo na sociedade açucareira e o impacto negativo que a exploração açucareira causou no ambiente. Para Freyre (2004, p. 45):

A palavra “Nordeste” é hoje uma palavra desfigurada pela expressão “obras do Nordeste” que quer dizer: “obras contra as secas”. E quase não sugere senão secas. Os sertões de areia seca rangendo debaixo dos pés. Os sertões de paisagens duras doendo nos olhos. Os mandacarus. Os bois e os cavalos angulosos. As sombras leves como umas almas do outro mundo com medo do sol.

Freyre inicia sua obra com essa afirmação sobre o Nordeste. Fez isso não como representação do seu discurso, mas sim uma espécie de crítica a uma das mais conhecidas representações do cenário nordestino: o da seca, do sol, dos mandacarus. O que Freyre analisa como identidade do nordeste é diferente do que vemos em outros livros que versam sobre o Nordeste seco.

O que Freyre apresenta em meio aos canaviais e as casas grandes é (2004, p. 45):

Um Nordeste onde nunca deixa de haver uma mancha de água: um avanço de mar, um rio, um riacho, o esverdeado de uma lagoa. Onde a água faz da terra mais mole o que quer: inventa ilhas, desmancha istmos e cabos, altera a seu gosto à geografia convencional dos compêndios.

O Nordeste apresentado por Freyre não é o Nordeste da seca e do cangaço. O Nordeste que surge é o do Recôncavo baiano ao Maranhão, de Pernambuco e da capital Recife. O

Nordeste de Gilberto Freyre não é o pastoril, é o agrário verde graças aos quilômetros de cana-de-açúcar e da mata atlântica.

A escravidão, o latifúndio e a monocultura canavieira entram em cena nas diversas formas de se entender o Nordeste, sua formação e produção dos discursos na sociedade. Com Freyre percebemos que o centro da civilização nordestina foi gestado nos canaviais, nos engenhos, nas senzalas e nas casas grandes.

As relações entre os senhores de engenho e seus escravos, nos canaviais, são colocadas em discussão e apresentadas como construtoras dos valores de uma sociedade que surgia: a nordestina. A cana-de-açúcar é bastante enfatizada, já que é nos canaviais que o Nordeste é analisado por Freyre. Segundo Freyre (2004, p. 54):

O açúcar atraiu às suas melhores terras o chá, os ingleses, a porcelana da China, o móvel e o próprio livro europeu que tiveram talvez no Recife os seus melhores mercados, principalmente na primeira metade do século XIX. Deu ócio aos homens mais inteligentes das casas-grandes não só para o jogo como para os estudos de Filologia [...]; não só para as charadas como para as boas leituras; e às iaiás, deu lazer para a música, para as rendas e para os doces finos de sobremesa.

O cotidiano açucareiro seria refletido no cotidiano das famílias nordestinas, principalmente nas casas grandes e senzalas. A relação e convivência nos canaviais, senzalas e casas grandes gerariam uma continuidade que ia além daquele espaço, seja nas tradições familiares, religiosas, sexuais e na cultura popular.

As cartas e os arquivos pessoais de senhores de engenho ajudam a narrar à história de um Nordeste visto com outros olhos, outros estereótipos. Documentos da Coroa Portuguesa também apresentam este Nordeste que outrora foi nutrido pela prática escravista-canavieira; pelas lutas sociais; pelo escravo; pela senzala; pela relação do homem-natureza.

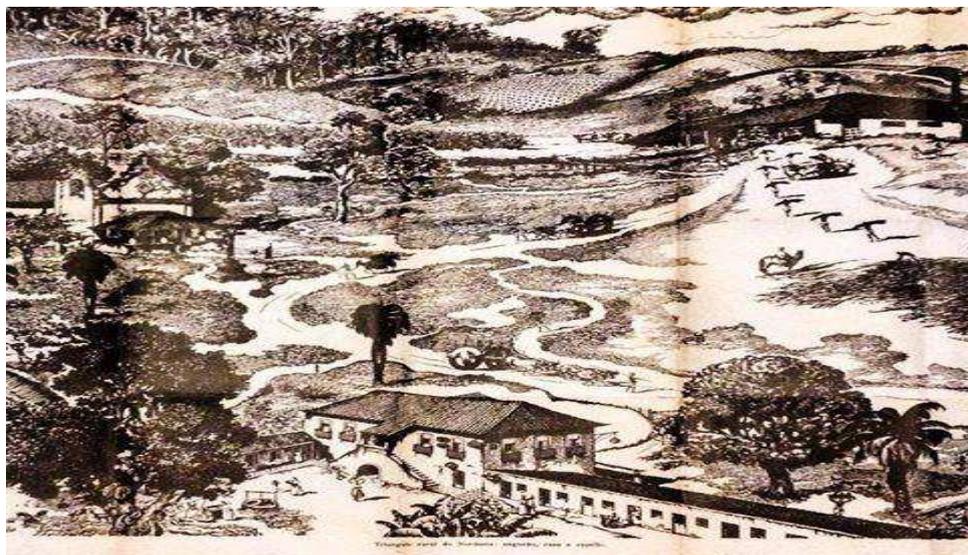
Gilberto Freyre apresenta também as riquezas das terras, dos rios, do massapê. O Nordeste é rico em áreas para cultivo, que, outrora, sofrera com as devastações, queimadas e desmatamentos. Ele vai na contramão apresentando um Nordeste úmido, diferente daquele que era apresentado na mídia do Sul e pelas músicas ou discursos locais. Para Freyre (2004, p. 19):

Mas se eram íntimas as relações entre o homem e a terra, também eram íntimas as relações entre o homem e a água; a cana-de-açúcar é uma planta profundamente ligada à água, ao contrário da planta que foi sua concorrente na ocupação do espaço nordestino, o algodão. Daí a separação entre as áreas de cana e as de algodão, entre o Nordeste úmido e o Nordeste seco.

É importante citar também que o Nordeste foi vitimado com doenças trazidas pelos colonizadores europeus. A sífilis, a malária, a varíola, a esquistossomose. Todas essas prejudicaram a população das casas grandes e das senzalas, mas, sobretudo os povos da floresta, os nativos que não tinham contato com estas doenças antes da presença dos europeus e seus agregados.

O Nordeste de Gilberto Freyre é o Nordeste dos canaviais. Como já citei anteriormente, a análise antropológica que Freyre realiza é diferente da realizada por Durval e também diferente da realizada por Mariana Moreira, como veremos mais adiante.

O triângulo rural do Nordeste era composto pela casa-grande, engenho e capela. Dos três surgiram as várias formas de ver e entender o Nordeste apresentadas por Gilberto Freyre. O latifundiário teve seu trabalho apresentado no Nordeste que era conhecido como Nordeste úmido. A imagem abaixo é uma obra de Manoel Bandeira que apresenta a casa, o engenho e a capela.



(Imagem 1: Desenho de Manoel Bandeira, 1937. Acervo da Fundação Gilberto Freyre – Jan. 2017).

O Nordeste das secas se une ao Nordeste dos canaviais e dos senhores de engenho. São várias formas de se conceber a região que outrora seria motivo de preocupação para as autoridades federais. Isso gerou a criação de órgãos que seriam responsáveis pela organização, distribuição de verbas e construção de obras que iriam suprir as necessidades dos sertanejos.

A região da seca foi também a região úmida onde o principal produto representativo foi à cana-de-açúcar e o senhor de engenho que modificou as relações sociais. Segundo Freyre (2004, p. 97):

A cultura da cana, no Nordeste, aristocratizou o branco e senhor e degradou o índio e principalmente o negro, primeiro em escravo, depois em pária. Aristocratizou a casa de pedra-e-cal em casa-grande e degradou a choça de palha em mucambo. Valorizou o canavial e tornou desprezível a mata.

Gilberto Freyre apresenta também um Nordeste que em meio aos cenários problemáticos e ociosos das casas-grandes e dos grandes engenhos surgem personagens que representam o povo e a cultura nordestina. São oradores, pintores, cantores, políticos, escritores, padres e etc. São eles o Nordeste. E foi ainda o Nordeste, como citou Freyre (2004, p. 1830):

A sua civilização de engenho cheia de ócios para o estudo, que deu ao Brasil o seu maior orador – o padre Vieira; o seu maior poeta satírico – Gregório de Matos; o seu maior matemático – o Sousinha; o seu maior filólogo – o doutor Moraes -, um transplantado da civilização do açúcar do Sul para a de Pernambuco onde se tornou senhor de engenho. Juristas, gramáticos, ensaístas, novelistas, historiadores. Poetas, líricos, músicos, pintores. Inovadores e revolucionários. Trajano Galvão e Castro Alves, Joaquim Nabuco e Nunes Machado. O padre João Ribeiro e frei Caneca. José Mariano e José Maria. D. Vital. Correia Picanço. Nina Rodrigues. Tobias Barreto, José Higino, Sílvio Romero, Martins Júnior. Oliveira Lima, Graça Aranha, Pedro Américo, Augusto dos Anjos, Rosalvo Ribeiro, Emílio Cardoso Ayres, Teles Júnior.

Em meio às representações do Nordeste e seus espaços de convivências com a seca, com a cana-de-açúcar e os personagens que ajudam a conceituar o Nordeste, surge outra

forma de analisar a origem dessa região e de conhecer os estereótipos que enriquecem a história do antigo Norte brasileiro.

O autor Djacir Menezes apresenta um Nordeste das tramas entre as classes, entre os grupos. Nordeste gestado nos conflitos dos donos de terras e os clãs sertanejos. Menezes apresenta o sertanejo que luta contra a opressão social, que se entrega ao banditismo, ao cangaço. O sertanejo, fanático, que por meio da prece, espera pela água que cai do céu para amenizar a seca.

O espaço da seca era o espaço que as autoridades federais iriam se debruçar em tentar amenizar a problemática desta que seria responsável por grande parte dos problemas sociais existentes naquela época: os saques, o êxodo, o banditismo. Segundo Djacir Menezes (1970, p. 10-11):

Há fatos e informações que dão o sentido mais vivo à história do Nordeste. O estudo da vida material, a análise das relações produtivas, da técnica do grupo em relação à ambiência, os antagonismos internos entre classes, entre grupos incoerentes, refletindo as contradições do período colonial e monárquico, os embates entre sesmeiros, donos das terras, e as plebes mestiças ou aborígenes rechaçadas – trouxeram nova luz à monotonia cinzenta e fatigante com que se desatava o panorama de nosso passado. Nesse clima, o bandido surge espontaneamente. A luta entre clãs sertanejos, entre famílias, com seus “moradores”, com seus agregados, o fanatismo das massas desarraigadas de condições normais de trabalho, resulta de dupla ordem de fatores poderosos: calamidades climáticas e opressão social. Reação violenta contra eles: temos o bandido. Reação mística: e temos o fanático.

Assim como a seca e a cana-de-açúcar, o cangaceiro faz parte dessas várias possibilidades de se entender o Nordeste. Era o cangaceiro uma figura social que, com suas astúcias, se rebelaria e se vingaria das ações dos governantes da época, bem como de algumas das oligarquias existentes.

O cangaço ou banditismo social surgiu por volta de 1870 e se estendeu até 1940 em terras nordestinas. O cangaço representou o tradicionalismo rural e era contra o avanço do capitalismo. Diziam ser a favor das minorias e lutavam contra as injustiças promovidas pelos políticos locais. Menezes afirma que (1970, p. 19):

O cangaceiro é a reação violenta. Em geral do tipo *hígido*, cuja história começa numa injustiça cometida pela politicagem local. Na sua percentagem mais ativa, as hordas do cangaço contam os tarados, os degenerados antissociais atraídos pelo crime. Eles existem, compondo minoria, que é resíduo permanente. Todo o grosso da matula sinistra se recruta pelo crivo social.

É impossível realizar essa pesquisa e não apresentar ao leitor os vários espaços de “vivências nordestinas”. A estiagem é a principal responsável pela criação dos órgãos federais responsáveis por amenizar os efeitos das secas: IOCS – IFOCS – DNOCS.

O meu Nordeste é o das secas, da estiagem, da falta de água, porém, é ele também o espaço das artes, da música, da poesia, da terra úmida, do massapê, das riquezas. Concordo com Menezes (1970, p. 24) quando diz que o Nordeste:

Oferece alternativas, desde a zona semiárida das caatingas aos vales úmidos de raros rios de maior curso, abrindo perspectivas que, na base do pastoreio, faculta, entretanto, outras opções econômicas. O solo assume papel importante; sua constituição condiciona muitos fenômenos.

O nordestino convive com as secas. Uma das principais características da história do Nordeste são as secas. Não há como ocultá-las ao narrar a construção geográfica e histórica dessa região. Observemos as tabelas a seguir:

**TABELA 1 – NORDESTE: SECAS DO SÉCULO XVIII**

<b>CEARÁ</b>	<b>RIO GRANDE DO NORTE</b>	<b>PARAÍBA</b>	<b>PERNAMBUCO</b>
1722	1710-1711	1710-1711	1709-1711
1721-1725	1721	1721	1720-1721
-	1723-1727	1723-1727	1723-1727
-	-	1730	-
1736-1737	1736	1736-1737	1735-1737
1745-1746	1744	1746-1747	1744-1747
-	-	-	1748-1751
1754	-	-	-
1760	-	-	-
1766	1766	-	-
1772	-	-	1771-1772
1777-1778	1777-1778	1777-1778	1776-1778
-	1784	-	1783-1784
1791-1793	1791-1793	1791-1793	1790-1793

Fonte: Joaquim Alves, "História das Secas".

(Tabela 1: Nordeste – Secas do século XVIII – Joaquim Alves)

**TABELA 2 – NORDESTE: SECAS DO SÉCULO XIX**

<b>CEARÁ</b>	<b>RIO GRANDE DO NORTE</b>	<b>PARAÍBA</b>	<b>PERNAMBUCO</b>
1804	1808	1803-1804	-
1810	1814	-	1819-1820
1824-1825	1825	1824-1825	1824-1825
1844-1845	1833	-	1833-1835
1877-1879	1845	1845-1846	1845-1846
1888-1889	1877-1879	1877-1879	1877-1879
1898	1888-1889	1888-1889	1888-1889
1900	1898	1898	1898
-	1900	-	1900

Fonte: Joaquim Alves, "História das Secas".

(Tabela 2: Nordeste – Secas do século XIX)

Não pretendo realizar um discurso acerca somente da problemática da seca. Reitero aqui a dinâmica para tentar compreender o tema em debate, que é o Nordeste. Apresentar a criação de órgãos federais e por último um acampamento federal denominado de São Gonçalo requer um pouco de conhecimento sobre o Nordeste. Esse espaço que é rico em belezas naturais. Ainda segundo Menezes, é o espaço (1970, p. 190):

Do homem que toma a arma e decide fazer sua reparação; o do homem que pega o rosário e apela para o céu. Um protesto viril e violento, um protesto resignado e místico. Um cai no cangaço e no crime; outro, se ajoelha e reza. Mas não são dois grupos estranhos, são os mesmos sertanejos. O mesmo ser humano esquecido, desentendido, incompreendido, explorado, jogado entre forças sociais crescentes, imolado por um desenvolvimento cego, que parece absurdo aos seus olhos.

Tratando-se de secas, faz-se, quase que obviamente uma ligação com o nordeste brasileiro, região do país criada “geneticamente” sob esta égide. A seca que nos atinge é a climatológica e hidráulica. A primeira refere-se à deficiência de chuvas numa determinada região. Já a segunda também está ligada a falta de água, sendo essa entendida como a escassez de água nos reservatórios e rios. Ambas são utilizadas como momentos políticos, palcos políticos. A seca, ou secas no Nordeste é um assunto polêmico, de muitas faces e que requer discussões detalhadas a respeito. Ela é o motivo principal de preocupação do agricultor, afetando as atividades humanas e gerando problemas econômicos e sociais.

Poderia citar vários problemas que pululam a região, mas, em primeiro momento decidi trabalhar com as várias faces da seca no Nordeste brasileiro e a força que o discurso causa na imagem do nordestino e na região semiárida do Brasil. A falta de água, a escassez da chuva e o discurso de algumas pessoas transformam o Nordeste como sendo a região da seca, da angústia, resultando em gravíssimos problemas. Segundo Michael Foucault (1999, p. 8-9):

[...] supondo que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Quando tratamos da questão da seca, associada à figura do nordestino, é importante também enfatizar que a força do discurso ajuda e influencia bastante na questão cultural de que é somente no Nordeste que a seca existe. Percebo que é por meio do discurso que se perpetua essa imagética. Segundo Pierre Bourdieu (1996, p. 54):

[...] o valor do discurso depende da relação de forças que se estabelece concretamente entre as competências linguísticas dos locutores, entendidas ao mesmo tempo como capacidade de produção, de apropriação e apreciação ou, em outros termos, como capacidade de que dispõem os diferentes agentes envolvidos na troca para impor os critérios de apreciação mais favoráveis aos seus produtos.

Tanto Freyre quanto Menezes trouxeram aqui um Nordeste diferente. Ambos apresentam o Nordeste concreto, suas vivências nos canaviais, nas casas-grandes, nas senzalas e mostram o nordestino-sertanejo que em meio aos conflitos sociais continua sua labuta diária.

## **1.2. O NORDESTE CONSTRUÍDO: DURVAL MUNIZ E MARIANA MOREIRA.**

Durval Muniz apresenta os caminhos da invenção do Nordeste. É através do discurso que a região ganhou forma, seja ela positiva ou negativa. Antes, entretanto, Durval Muniz (2011, p. 36) nos apresenta o conceito de região:

A noção de região, antes de remeter à geografia, remete a uma noção fiscal, administrativa, militar (vem de *regere*, comandar). Longe de nos aproximar de uma divisão natural do espaço ou mesmo de um recorte do espaço econômico ou de produção, a região se liga diretamente às relações de poder e sua espacialização; ela remete a uma visão estratégica do espaço, ao seu esquadramento, ao seu recorte e à sua análise, que produz saber. Ela é uma noção que nos envia a um espaço sob domínio, comandado.

Segundo Muniz a década de 1920 e o discurso regionalista são vitais para a construção desse espaço estigmatizado pela seca. Nela afloram uma produção imagética-discursiva do Nordeste nas músicas de Luiz Gonzaga, nas imagens de Cícero Dias e Vicente do Rego, nos romances e peças teatrais de escritores Ariano Suassuna, Glauber Rocha e Jorge Amado. Muniz enfatiza que o preconceito do/sobre o Nordeste foi gestado interna e externamente, sobretudo pelos brasileiros do Sul do país. Estereotipada como região dos cangaceiros, da seca, do sertão, do engenho, do beato, da terra rachada, do moleque barrigudo, dos de cabeça chata, etc. A identidade do Nordeste, para o autor, foi forjada no discurso. Para se entender a criação do IFOCS e posteriormente o Acampamento Federal de São Gonçalo é necessário conhecer o processo de “invenção do Nordeste”. Essa região que é periodicamente impactada pela seca se consolidou durante o Estado Novo (1937-1945), quando o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) dividiu o território nacional em cinco regiões: Norte, Nordeste, Leste, Sul e Centro-Oeste. Muniz afirma que (2011, p. 52):

A invenção do Nordeste, a partir da reelaboração das imagens e enunciados que construíram o antigo Norte, feita por um novo discurso regionalista, e como resultado de uma série de práticas regionalistas, só foi possível com a crise do paradigma naturalista e dos padrões tradicionais de sociabilidade que possibilitaram a emergência de um novo olhar em relação ao espaço, uma nova sensibilidade social em relação à nação, trazendo a necessidade de se pensar em questões como a da identidade nacional, da raça nacional, do caráter nacional, trazendo, ainda, a necessidade de se pensar uma cultura nacional, capaz de incorporar os diferentes espaços do país.

O movimento regionalista de 1926, tendo como principal representante Gilberto Freyre, ajudou a construir a identidade do Nordeste, do nordestino, como já citei anteriormente. Durval Muniz utiliza da ajuda “freiriana” para apresentar sua forma de decodificar o Nordeste brasileiro. O regionalismo de Gilberto Freire é um elemento principal que nutre os discursos. Para Muniz (2011, p. 38):

O regionalismo é muito mais do que uma ideologia de classe dominante de uma dada região. Ele se apoia em práticas regionalistas, na produção de uma sensibilidade regionalistas, numa cultura, que são levadas a efeito e incorporadas por várias camadas da população e surge como elemento dos discursos destes vários segmentos.

Os vários discursos produzidos tanto no Norte quanto no Sul foram importantes para a construção do espaço nordestino e para a formação dessa identidade. Há relatos na mídia e imprensa que comprovam isso. Seja na literatura ou na música, na pintura, etc., o autor Durval Muniz tenta apresentar isso em sua obra. São as múltiplas manifestações de ser Nordeste.

Talvez aquele ditado popular se faça importante aqui quando se diz: “a primeira impressão é a que fica”. Era o visto aqui e dito lá em outras regiões do Brasil. Parecia que a região não era lapidada por alguns. Não se viam as riquezas que aqui existiam e existem. A reprodução da seca, do cangaço eram mais fortes.

Outro destaque apresentado por Durval Muniz foi o discurso promovido pelo regionalismo nordestino. Este surgiu com o desenvolvimento do sudeste, em especial a industrialização. Criou-se uma comparação entre o desenvolvimento do sudeste e a possível “decadência” do Nordeste. O discurso regionalista chamou para si a responsabilidade de reivindicar obras federais à região. Foi por meio das secas e da pobreza local que se concretizou seu argumento e discurso. O regionalismo representou para o Nordeste um movimento de construção da identidade.

Existiam elementos definidores do Nordeste que estavam representados nos estereótipos existentes na região. Durval Muniz apresenta esses elementos definidores. Para Muniz (2011, p. 61):

A escolha de elementos como o cangaço, o messianismo, o coronelismo, para temas definidores do Nordeste, se faz em meio a uma multiplicidade de outros fatos, que, no entanto, não são iluminados como matérias capazes de dar uma cara à região. A escolha, porém, não é aleatória. Ela é dirigida pelos interesses em jogo, tanto no interior da região que se forma, como na sua relação com outras regiões.

Outro elemento de grande importância nesse conjunto de símbolos que podem representar o Nordeste é o cacto. Esse tipo de vegetação que faz parte do bioma conhecido como caatinga é apresentado nas pinturas, nos textos e nas músicas. O cacto adapta-se a seca e logo ganha significativa representatividade no cenário e estereótipo do Nordeste.

A seca é a mola propulsora do discurso e da indústria da seca que gera interesse nas classes políticas locais e das demais regiões do território brasileiro. Com a decadência do algodão e do açúcar este discurso ganha força entre os nortistas e sulistas. Lucia Guerra enfatiza os investimentos nas esferas federais, estaduais e o jogo político que a problemática das secas gerou na região. Segundo Lúcia Guerra (1993, p. 81):

O Governo Federal executaria as obras que julgasse mais urgentes e auxiliaria aos governos estaduais no que solicitassem. Nesse sentido, o auxílio aos Estados, através da Inspeção tornou-se obrigação da União, desde que certos requisitos fossem apresentados, quais sejam: comprovação da incidência periódica das secas; existência de uma dotação orçamentária estadual especial para obras preventivas aos efeitos das secas; destinação da obra solicitada; compromisso de que tais verbas não seriam desviadas para outros fins.

Sabe-se, portanto, que a situação da destinação de verbas para o auxílio contra as secas tomou rumos diversos, desde controle das oligarquias vigentes até a transformação de verbas em votos. Surgia, então, o que conhecemos como “Indústria da seca”.

O que Durval Muniz descreve em sua obra não é um discurso do nordestino apaixonado por sua terra. Ele apresenta as diversas formas de ver o Nordeste. São as várias discursões, manifestações e representações de se inventar o Nordeste. Os conjuntos de identidades e de símbolos mostram a região com um leque de possibilidades de compreendê-la.

O Nordeste aparece, para Lourenço Filho, como (1920, p. 4):

Um recuo no tempo para os olhos de um filho do Sul, a vida parece desandar, gritar ao inverso, vinte anos menos em cada dia de viagem... Povo, hábitos, manifestações estéticas e religiosas, ideias e preconceitos, tudo soa no vazio do eco, com as vozes indefiníveis de alongado pretérito.

A região seca se une ao discurso e a falta de vegetação verde. Esta sufocada pela estiagem. Durval também enfatiza a questão de que tanto no Norte como no Sul a imprensa elabora a imagem dessa região como uma área inferior do país. Seria necessária uma modernização no Nordeste para que, outrora, a seca não fosse o principal problema que castiga a região. Faziam comparações entre aqui e São Paulo. São Paulo a região moderna, industrializada, bem desenvolvida e o Nordeste a região inerte e que necessitava de atenção especial das autoridades federais. Muniz narra que (2011, p. 81):

É a seca que chama atenção dos veículos de comunicação, especialmente dos jornais do Sul do país, para a existência do Norte e de seus “problemas”. Ela é, sem dúvida, o primeiro traço definidor do Norte e o que o diferencia do Sul, notadamente, num momento em que o meio é considerado, ao lado da raça, como fatores determinantes da organização social.

O Nordeste também era visto como filho das rebeliões locais, da invasão holandesa, da criação da faculdade de Direito em Recife-PE, da atuação do Diário de Pernambuco, das revoltas de 1817, 1824 e 1848. Muniz destaca esses fatores como sendo importantes responsáveis pela origem da identidade regional nordestina.

Além das músicas de Luiz Gonzaga, de Lampião e Maria Bonita, do Romance de 30, da seca, do jagunço, do messianismo, das obras de José Lins do Rêgo, José Américo de Almeida e Rachel de Queiroz, Durval Muniz cita em sua obra a influência da pintura na representação do Nordeste. Apresento abaixo exemplos de representatividade do Nordeste nas músicas de Luiz Gonzaga e na obra de arte de Portinari:

Ai quem me dera eu voltar

Pros braços do meu xodó

Saudade assim faz roer

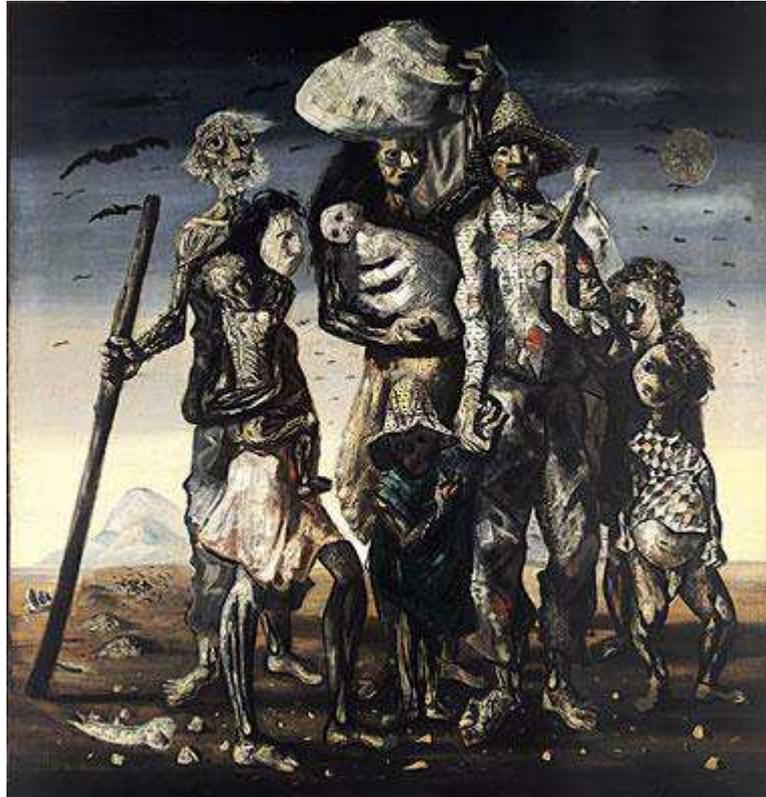
E amarga qui nem jiló

Mas ninguém pode dizer

Qui mi viu triste a chorar

Saudade o meu remédio é cantar [...]

(Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, Qui nem jiló, RCA, 1950).



(Imagem 2: Os Retirantes, óleo sobre tela 92 x 181 cm (1944), Portinari).

O Nordeste é esta junção de discursos, de denúncias, de imagens, de artes, de música, de sujeitos políticos, de autoridades locais, federais e vivências. O Nordeste foi moldado com ajuda do povo que aqui mora e com o auxílio dos que viam de fora. Até mesmo personagens vindos de outros países realizaram suas análises a respeito da região.

O que se pode concluir, após a leitura da obra de Durval Muniz é que o Nordeste é detentor de várias facetas, várias representações e, ainda segundo Muniz, podemos concluir é que o Nordeste (2011, p. 88):

Será gestado em práticas que já cartografam lentamente o espaço regional como: 1) o combate à seca; 2) o combate violento ao messianismo e ao cangaço; 3) os conchavos políticos das elites políticas para a manutenção de privilégios etc.. Mas o Nordeste também surge de uma série de práticas discursivas que vão afirmando uma sensibilidade e produzindo um conjunto de saberes de marcado caráter regional.

Existe uma forma de ver o Nordeste de uma maneira onde o que prevalece é um discurso balizado, principalmente, na problemática da seca. No livro “Outro Sertão: fronteiras da convivência com o semiárido” a autora Mariana Moreira Neto apresenta outra maneira de ver o Sertão. Ela vai além da questão da seca apresentando diversos pontos de vista em relação ao Semiárido brasileiro. É também através do discurso que a autora aborda essa temática. Mariana Moreira (2013, p. 10) afirma que:

Os discursos sobre a convivência com o Semiárido circulam e são aceitos porque obedecem a regras “econômicas” estabelecidas e acatadas por todos dentro de um campo onde é fundamental a competência de quem diz e a aceitação de quem escuta.

Não me tornando repetitivo e já o sendo, cito novamente as entrelinhas introdutórias deste trabalho apresentado e torno a relatar que o problema das secas no nordeste foram impactantes em 1909 como também em anos anteriores a esta época. A problemática da seca resultará na criação de instituições federais que terão por objetivo diminuir os danos causados pelo fenômeno natural.

Os problemas das secas já existiam desde os séculos passados, como afirma José Américo de Almeida (1981, p. 07):

A História registra cinco grandes secas de dois a cinco anos de duração: 1721 a 1725, 1777 a 1778, 1790 a 1793, 1824 a 1825, 1877 a 1879, no século passado. A água passou a figurar nesse quadro dramático como elemento único e insubstituível, capaz de trazer a solução final. No entanto, deve figurar como parte de um sistema, cujos componentes, ainda não bem delineados, um dia apresentarão o grito aleluia. Prender a água das chuvas, correndo em busca do mar e acumulá-la, passou a ser preocupação constante dos estudiosos de problemática das secas.

A região nordestina não era a única a sofrer com a estiagem. O problema estava no vasto período de escassez das chuvas que sempre tendiam em permanecer no local aqui habitado. Ainda nos dias de hoje pode-se perceber essa ausência preocupante das chuvas, causando danos que só podem ser resolvidos por meio das construções emergências como os açudes, postos agrícolas, agrovilas e etc. No período de 1909 e bem antes deste, as secas já castigavam essa região. Se tratando de época em relação às secas e meios para resolvê-la Joaquim Osterne Carneiro (1981, p. 41) afirma que:

Pesquisas e estudos realizados demonstram que, no Nordeste do Brasil, não existe tradição de irrigação. Ao mesmo tempo, diversos trabalhos destacam que, quando o homem branco alcançou o interior do Nordeste, a Região já apresentava as atuais características climáticas.

Se tratando de secas é interessante destacar seu impacto psicológico nas pessoas que conviviam com a mesma e que o homem nordestino tenha uma grande responsabilidade nesta afirmativa de ser o nordeste a região da seca. Segundo Josué de Castro (1967, p. 40):

Realmente que terra poderá dar maior impressão de sofrimento do que essa terra do sertão nordestino, com seu solo curtido e roído pelos rigores do clima? Com a pele do seu solo magro, mal encobrindo o seu esqueleto de granito e calcário, dilacerada em vários pontos, rompida pelas pontas das rochas mais duras que irrompem no meio da paisagem em brancos blocos encarpados, como se fossem mesmo os ossos da terra descarnada. E como se revela como uma dor pungente, como uma expressão de desolador sofrimento, essa terra toda aberta de fundas feridas, de grandes brechas, rompidas no seu corpo pela violência das grandes torrente erosivas!

A fama da seca do nordeste pode ser oriunda de um certo tradicionalismo, como afirma Alfredo Macêdo Gomes (1998, p. 57):

Há um fenômeno, conhecido de todos, extremamente importante para se conhecer o sertanejo, o qual matiza sua vida: a seca. E essa constitui uma via de explicação referente àqueles pontos iniciais: tradicionalismo, visão mágico-religiosa do mundo e resistência a mudanças. A seca assume uma significação tal para o homem que habita o espaço demarcado como semiárido nordestino, que é difícil prever a sua importância. Obviamente que sua significação não se restringe ao período seco, mas, muito pelo contrário, estende-se a todos os momentos da vida social, econômica,

religiosa e cultural do nordestino sertanejo. Se é período seco, de estio, a sua significação é inquestionável; se é período de chuvas, onde se vive o “inverno” e as plantações se concretizam, é a ausência da seca que lhe dá significado, pois dela o sertanejo não pode esquecer.

O nordestino tomou para si essa identidade e, por vezes se mantém detentor daquele sotaque forte, da necessidade de se preocupar com a chuva que não cai do céu e atrasará a plantação e a colheita. O sertanejo tem fé e faz uso da oração para esperar um milagre que poderá cair do céu. A chuva é a certeza da colheita e a mudança do cenário que a seca causa. Ao apresentar a figura do sertanejo e suas labutas em relação à seca Graciliano Ramos destacou (2008, p. 117):

A vida na fazenda se tornara difícil. Sinhá Vitória benzia-se tremendo, manejava o rosário, mexia os beiços rezando rezas desesperadas. Encolhido no banco do copiar, Fabiano espiava a catinga amarela, onde as folhas secas se pulverizavam, trituradas pelos redemoinhos, e os garranchos se torciam, negros, torrados. No céu azul as últimas arribações tinham desaparecido. Pouco a pouco os bichos se finavam, devorados pelo carrapato. E Fabiano resistia, pedindo a Deus um milagre.

Ao conhecer outros adjetivos para o Semiárido, logo se pode conhecer uma região diferente daquela castigada. A seca é um fenômeno climático que deve fazer com que o homem crie métodos de sobrevivência. Autores como José Américo de Almeida, José Guimarães Duque e Josué de Castro fazem uso “do tom poético para narrar o Sertão”. Como narra ALMEIDA (1979, p. 66):

A tristeza do inverno é a alegria do sertão. O pranto que cai das nuvens é o batismo da felicidade. [...] Tudo cantava: os riachos rolando nos taludes e espumando em cachoeiras; os ninhos festeiros em regorjeios; as searas acamadas pelo vento; as pedras, entrechocando-se, ao tropel das cavalhadas... As miúncas também cantavam as canções do mé e do bé. A florescência arreava as árvores e os arbustos. A terra cheirava a umidade e os campos balsamizavam o céu numa espiral de aromas. O sol, em raios mornos, tocava essa paisagem do inverno. Traquinavam os cabritos. Os bezerros brincões apostavam carreiras, a berrar, num estouvamento que inquietava as vacas. Até as reses graúdas, as novilhas viçosas descomediam-se em escaramuças. Fora boa a aparição. O curral submergia-se no atoleiro. Os bichos tinham botas de lama à altura dos joelhos. Esse lençol negro era matizado por salpicos de leite. Arraiava a alegria em todos os semblantes.

O nordestino deve ser lembrado pela sua força e garra para enfrentar a seca e não por permanecer o resto dos seus dias transladando latas d'água na cabeça para o sustento de sua família e suas criações. O sertanejo se adapta a esse problema climático e busca meios de sobrevivência. Há no sertão uma face positiva, existe no Nordeste brasileiro uma maneira diferente de enxergar a seca, o semiárido. Mariana Moreira afirma que (2013; p. 46):

Outro Sertão aceito pelas suas peculiaridades de semiaridez também começa a ser visto como um espaço de múltiplas vivências e variadas experiências em função de sua diversidade climática, de suas inúmeras configurações geológica, humana, vegetal. Esse novo espaço anuncia o fim de um tempo que, insistindo em se fazer presente, esconde-se, acabrunhado, atrás das franjas de uma modernidade ensaiada pelas máquinas e homens, com suas mecânicas complexas, seus novos dizeres e fazeres, e explícita na saudade e no embate de tempos contrastantes.

O Nordeste é esse espaço múltiplo. O sertanejo é o homem e a mulher que deve carregar por um bom tempo essa imagética da seca, no entanto, já é inserido num espaço que o proporciona meios de sobrevivência mediante a problemática que é histórica e meteorológica: as secas.

Existem discursos que trazem à tona a geografia do Semiárido brasileiro e consigo apresentam a figura do homem e a seca. O discurso da seca não serviu somente para exigir obras sociais que atendessem a problemática. O discurso da seca fitou também uma imagem neste “Homem” que trago como tema deste tópico.

Segundo Alfredo Macêdo Gomes (1998, p. 161):

O sertanejo é aquele que trabalha e não tem nada, é aquele que trabalha para sobreviver, é aquele que luta demais e nada arruma, que trabalha e não vê o produto; a gente trabalha pra morrer e não arranja nem o que comer; é aquele que trabalha e ninguém tem a felicidade de ir pra frente; o sertanejo sofre demais, luta demais e nada arruma, luta demais pra arrumar bem pouquinho. Vive aperreado. Nessas considerações, com sutis variações, temos a mesma mensagem, qual seja: de trabalhador que não se apossa dos produtos do seu trabalho, ou que deles retire o suficiente necessário à sobrevivência, trocando-os ou consumindo-os diretamente. A verdade é que toda descrição aponta para uma autoimagem sertaneja de penúria, pobreza, indigência, dependência. Os sertanejos consideram que esta é uma condição de ser. Compartilham de uma cultura da pobreza e da vivência cotidiana do aperreio e da agonia.

A realidade da seca é sentida em todo o Brasil e desde o século XIX é motivo de grande preocupação para as autoridades e políticos locais. Falando em políticos é quase que óbvio que dentro desse campo existiam certos interesses nesta ajuda e preocupação mútua em relação às secas. Técnicas agrárias e de açudagem foram benéficas para tentar sanar este mal na região atingida pela seca. Segundo Guerra (1993, p. 85):

Após observar e avaliar a situação dos Estados, a equipe da IOCS partiu para a elaboração de estudos e projetos de açudes e barragens submersas públicas, como também de açudes particulares. Ao lado dos estudos visando diretamente a construção das obras, foram iniciados outros para um conhecimento mais amplo da região nos campos da geografia, pluviometria, geologia, hidrologia e sobre os recursos humanos e econômicos.

Veremos mais adiante que a preocupação política deu origem a órgãos que, de alguma forma, foram bastante importantes no que se diz respeito à seca no nordeste e em todo o Brasil.

A seca sempre desencadeará vários outros problemas na sociedade, onde só através de fortes investimentos políticos poderão ser solucionados. Quando falta a chuva, faltará também o alimento para o homem e o sustento de sua família e animais de criação.

No passado e no presente o Nordeste é noticiado como ponto principal no tocante as secas brasileiras. Jornais, televisão e revistas noticiam os prejuízos oriundos das secas em nosso país. Quando me refiro a país faço isso devido ao simples fato de que, quando a chuva é escassa no Nordeste as demais regiões sentem o impacto desta estiagem. O plantio diminui e a colheita será de menor proporção, prejudicando assim a agricultura de todo país.

Seca como fenômeno social, físico e econômico consiste nessa problemática do povo, que sofrerá sem as chuvas, pela falta das produções agrícolas e a colheita resultará em um péssimo resultado, proporcionando assim um lucro baixíssimo para os agricultores em suas plantações. No entanto, é necessário criar meios para driblar essa celeuma e conviver com a seca.

Apesar do reconhecimento dos efeitos avassaladores das secas, os enunciados da convivência com a semiaridez começam a ser ensaiados como possibilidades para a vivência dos homens no Sertão e como linhas de fuga da condenação do Nordeste enquanto terra árida e estéril. Nesse discurso, a baixa frequência das estiagens é compensada pela prosperidade dos períodos de regularidade pluviométrica, entendendo-se a semiaridez muito mais como efeito e não como causa da inconstância da pluviosidade e com o mal residindo, antes, na irregular distribuição das chuvas (ALMEIDA, 1980, p. 155-156)

Existe outro Nordeste que apresento nesta pesquisa. O Nordeste não só com a generalização das secas, mas uma região em que o homem busca meios de sobrevivências para superar a problemática das secas que ora assolam o semiárido.

O cangaço, a misticidade, as rezas, benditos e procissões são os amuletos do nordestino. São características fortes dos homens e mulheres do semiárido que desde o século XIX luta contra as secas. É importante citar novamente da convivência com as secas, da adaptação do homem com essa problemática. Há meios de transformar esse cenário. Há modos diferentes de ver o semiárido, os homens e mulheres que aqui vivem. É possível ver isso na literatura brasileira, como apresenta Djacir Menezes (1970, p. 193):

O tema das secas no romance, depois de algumas páginas de Alves de Arribação, de Antônio Sales, reaparece com Raquel de Queiroz, no Quinze, e José Américo, na Bagaceira. Mas onde anda o cangaceiro? Com a força narrativa e espontaneidade vigorosa, que o caracterizou, José Lins do Rêgo deu-nos Os Cangaceiros, onde se sente, na linguagem e no dialogar, a vivência impressões experimentadas pelo autor aos dias de sua infância paraibana. Dias em que os sertões eram tumultuosos.

Esse meu discurso histórico e sociológico em relação à seca, o homem e o Nordeste é também um discurso de conscientização, de ver de outra forma o problema climático. É preciso que a questão da seca ou das secas, antes de serem também conhecidas como sendo modeladoras de uma “indústria das secas”, essas sejam o motivo de apresentar o Nordeste brasileiro, o Semiárido brasileiro como sendo a região que vive com esta mazela climática, porém, criou meios no decorrer da história que os ajudou a conviver e criar meios de sobrevivência.

Há um novo Nordeste desde o meu recorte temporal, que se estende de 1909 a 1945. Neste tempo existe um solo bom, existe um povo forte e também existem os fortíssimos discursos acerca da região. Nem todo Nordeste é seco, como afirma CASTRO (2006, p. 242):

Nem todo o Nordeste é seco, nem a seca é tudo, mesmo nas áreas do sertão. Há tempos que nos batemos para demonstrar, para inculcar na consciência nacional de que a seca não é o principal fator da pobreza ou da fome nordestinas. Que é apenas um fator de agravamento agudo desta situação cujas causas são outras. São causas mais ligadas ao arcabouço social do que aos acidentes naturais, às condições ou bases físicas da região.

Torno a repetir, que o excesso de informações e o investimento e interesse político de outrora foi o estopim para selar no nordeste a marca da seca, da pobreza e do subdesenvolvimento. Esta é a minha opinião de nordestino e convicção de que em meio a tal problema, o jogo e interesse político falaram altíssimos e fizeram com que alguns líderes políticos se voltassem para essa região e investissem tanto em obras contra as secas. Evaldo Cabral de Mello discute isso apresentando o investimento em ferrovias e estradas no Nordeste. É necessário ligar a região com as demais para escoar a produção que aqui existira. Segundo Mello (1984, p. 227):

Na Paraíba o caminho de ferro habilitou a capital a inserir-se nas relações entre os núcleos comerciais do interior e o entreposto regional. [...] O caminho de ferro também atuou no sentido de subverter a dominação do entreposto sobre o núcleo interiorano em benefício de outro entreposto.

São Gonçalo, Sousa-PB, surgirá em torno dessa variedade de cenários da região nordestina. O Acampamento Federal surgirá e carregará consigo um pouco de cada Nordeste aqui apresentados por Gilberto Freyre, Djacir Menezes, Durval Muniz e Mariana Moreira. Lendo a obra de Mariana Moreira me desprendo do pensar somente no Nordeste seco, no Semiárido impossível de viver. Surgirá devido as secas e permanecerá como uma das obras do IFOCS de maior importância no sertão paraibano.

Os canaviais e a umidade do solo apresentados por Gilberto Freyre se unem a força do cangaço, do banditismo e da fé do povo nordestino trazidos na obra de Djacir Menezes. Durval Muniz e Mariana Moreira tecem para nós um Nordeste desmazelado, um local que é possível viver, mesmo com a problemática das secas. Uma região onde sua cultura é rica e capaz de criar meios para superar as estiagens.

O Acampamento Federal de São Gonçalo é exemplo de um Nordeste que deu certo, principalmente em meados dos anos 1945, quando é instalado o IAJAT (Instituto Agrônômico José Augusto Trindade). Essa história conheceremos nas próximas páginas.

## **CAPÍTULO 2 - A ORIGEM DO IFOCS E SUA ATUAÇÃO CONTRA AS SECAS DURANTE O SÉCULO XX.**

### **2.1. IOCS - IFOCS - DNOCS (1919)**

O capítulo a seguir apresentará de forma sucinta a criação da Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS), da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS) e por fim, o surgimento do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS). Apresento também as formas pelas quais a Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas esteve presente no Nordeste brasileiro, diretamente no Distrito de São Gonçalo, sertão paraibano.

É importante citar também a gênese da IOCS, órgão vital no processo de auxílio contra as secas e de obras que resultariam na melhoria das condições de vida dos nordestinos. Sendo aqui meu principal objetivo citar os investimentos em açudagens e outrora no surgimento do Distrito de São Gonçalo. Busco também enfatizar que a Inspetoria Federal preocupava-se com a construção de estradas, drenagens e reconstrução de florestas. Seria um conjunto de obras que teria como finalidade ajudar o nordestino a conviver com as estiagens constantes da região. O objetivo inicial da Inspetoria Federal era, segundo o Decreto nº 7.619, de 21.10.1909 a construção de:

- I- Estradas de ferro de ferro de penetração;
- II- Estradas de ferro afluentes das estradas principais;
- III- Estradas de rodagem e outras vias de comunicação entre os pontos flagelados e os mercados e centros produtores;
- IV- Açudes e poços tubulares, os artesianos e canais de irrigação;
- V- Barragens transversais submersas e outras obras destinadas a modificar o regime torrencial dos cursos de água;
- VI- Drenagem dos vales desaproveitados no litoral e melhoramento das terras cultiváveis do interior;
- VII- Estudo sistematizado das condições meteorológicas, geológicas e topográficas das zonas assoladas;
- VIII- Instalação de observatórios meteorológicos e de estações pluviométricas;
- IX- Conservação e reconstrução das florestas;

- X- Outros trabalhos cuja utilidade contra os efeitos das secas a experiência tenham demonstrado.

Em 1907 o deputado potiguar Elóy de Sousa escreveu o documento que regulamentava a criação da Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS). O deputado apresentou o projeto de lei que começaria a ser posto em prática somente em 1919 pelo presidente Eptácio Pessoa. Segundo Josemar Alves Soares (2013, p. 27):

O Presidente Eptácio Pessoa, paraibano que dirigiu o Brasil de 1919 a 1923, constitui-se o governante que historicamente mais se preocupou com o sofrimento do povo nordestino, ao transformar o IOCS em IFOCS e ao criar o programa de construção de açudes em grande escala, infelizmente, interrompido pelo seu sucessor, o ministro Arthur Bernardes, durante os anos de 1924 e 1925, época em que todas as grandes obras foram paralisadas, inclusive a construção do Açude de São Gonçalo.

A autarquia federal, Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS), criada pelo presidente Nilo Peçanha em 1909, ganha nova denominação em 1919, passando a Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS). A nova nomenclatura altera o foco do órgão que passa a ter como objetivo principal o combate às secas que assolavam a região do Nordeste Brasileiro. Segundo Marcos Augusto Trindade (2005, p. 45):

A seca de 1915 encontrou a IOCS sem recursos para enfrentá-la. Após declarada a seca, o Governo Federal obteve do Congresso Nacional recursos financeiros para implantação de obras a cargo da IOCS, ao mesmo tempo em que, através do Decreto II. 474, de 03.03.1915, foi dada ênfase ao estudo de pequenos açudes particulares, estudo e construção de açudes públicos às expensas totais da União, em observância a reestruturação das atividades da Inspetoria de Obras Contra as Secas.

Daí deu-se início as atividades e construções de açudes na região atingida pela seca, enfatizo aqui o Distrito de São Gonçalo. Segundo Soares (2016, p. 12):

A partir do ano de 1920, ocorre a desapropriação e indenização de algumas propriedades rurais, que pertenciam aos senhores Dr. Silva Mariz (filho do vigário José Antônio Marques da Silva Guimarães), João Ferreira Rocha (parente da família Mariz, seria o primeiro delegado de São Gonçalo), José Ferreira Rocha e Donana

Ferreira Rocha e Basílio Pordeus Silva, pelo Governo Federal, com vistas à construção do açude e do acampamento de São Gonçalo. No dia 18 de fevereiro de 1921, o governo federal assina contrato com a empresa americana Dwight P. Robinson & Company Incorporated, responsável pela construção das barragens de São Gonçalo e Piranhas.

Após o mandato do presidente Epitácio Pessoa e o novo presidente assumir o cargo várias obras foram paralisadas. O presidente Arthur Bernardes trouxe para os sertanejos dias nada positivos. Os programas da IFOCS foram interrompidos. Isso ocorreu devido problemas internos em seu modo de governar e também do descontentamento de algumas classes sociais que, infelizmente, gerou o enfraquecimento econômico do país. Renato Cancian (2006, p. 3) narra que:

A gestão de Artur Bernardes à frente do Governo Federal foi marcada por uma permanente instabilidade política, derivada da crise econômica e dos conflitos políticos e revoltas armadas que se intensificaram neste período. Em seu governo, o republicanismo oligárquico foi constantemente ameaçado por conspirações civis e militares. Nessa situação, Artur Bernardes só pôde governar o país valendo-se do dispositivo constitucional denominado "estado de sítio".

O IFOCS foi o primeiro órgão federal a estudar a problemática do semiárido e suas ações iniciais compreenderam captação, desenvolvimento e gerenciamento de recursos hídricos, através da construção de barragens nas áreas afetadas pelas secas. No final de 1921 e início de 1922 São Gonçalo foi beneficiado com a construção de uma dessas barragens, como será apresentado nas próximas páginas. Segundo Trindade (2005, p. 46-47):

O interesse pelas atividades da IFOCS atingiu seu clímax em 1920, com a aprovação da programação cujas obras foram contratadas em 1921 e iniciadas em 1922, representadas principalmente pela construção de grandes barragens. Para isso, foram contratadas empresas internacionais, como a C. H. Walker & Cia. Ltda. (inglesa), que cuidou de concluir o Açude Gargalheiras (atual Marechal Dutra) e de construir o Açude Parelhas, ambos situados no Rio Grande do Norte; a Northon Griffiths & Cia. Ltda. (inglesa), responsável pela conclusão do Açude Acarape (atual Engenheiro Eugênio Gudin) e a construção dos açudes Quixeramobim e Patu, no Estado do Ceará; e a Dwight P. Robinson Inc. (norte-americana), que ficou encarregada de construir os açudes Poços dos Paus e Orós, localizados no Ceará, e São Gonçalo, Pilões e Piranhas (atual Engenheiro Avidos), no Estado da Paraíba, bem como rodovias, ferrovias e obras portuárias.

Em 1930 Getúlio Vargas assume a presidência e resolve retomar as obras contra as secas. Getúlio nomeia o paraibano José Américo de Almeida para o cargo de Ministro da Viação e Obras Públicas. Como relata Soares, importa destacar, ainda (2013, p. 28):

A sensibilidade do Presidente Getúlio Vargas que, ao assumir o Governo em 1930, e sob a coordenação do Ministério da Viação e Obras Públicas, cuja pasta era ocupada pelo importante escritor e político paraibano José Américo de Almeida, conduziu e concluiu todas as obras de açudagens idealizadas, projetadas e iniciadas no Governo de Epitácio Pessoa, amenizando o sofrimento e trazendo esperança de vidas melhores para milhões de nordestinos.

São Gonçalo viu a forte atuação do IFOCS a partir do dia 22 de junho de 1932, quando as obras de assistencialismo e combate às mazelas das secas são retomadas em todos os canteiros de obras no Nordeste.

A IFOCS foi um marco no governo federal do século XX, devido ao impacto de suas ações na região, especialmente em São Gonçalo. Segundo Ramos (2002, p. 04):

Pouco a pouco, a autarquia foi se constituindo como a maior autoridade relacionada ao trato com a seca e assim, amenizando os prejuízos causados pela falta de chuvas na região, buscando não apenas acudir o homem, mas melhorar, também, a capacidade de resistência do rebanho pecuário, principal suporte econômico do Nordeste semiárido na época, priorizando a construção de barragens, ferrovias, estradas para os centros urbanos e facilitando o acesso das populações atingidas pela seca e, dentre estas edificações estão à rodovia Rio Bahia, barragem Boa Esperança e os açudes de Orós, Barabuiú e Araras no Ceará.

O IFOCS em São Gonçalo significa um marco ao combate às secas no Nordeste. Lugar onde bem antes de sua fundação (1909), já sofrera com a grave problemática das secas. Observe a imagem a seguir que relata o esquema de açudagem desenvolvido pelo IFOCS, seus principais açudes que serviriam para captação de água, como apresenta Trindade (2005, p. 513):



(Imagem 3: Esquema Geral do Sistema do Alto Piranhas - Marcos Augusto Trindade, 2005, p. 513).

Durante o governo de Getúlio Vargas, em 1945, o IFOCS foi reestruturado e recebe uma nova nomenclatura: Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS). Este órgão federal também tinha o objetivo de combater às secas que assolaram o nordeste brasileiro e o norte de Minas Gerais. Deu continuidade as obras antes iniciadas pelo IFOCS.

Este órgão federal nasceu em meio à luta e a escassez da terra, mas trouxe consigo uma esperança. Diferente do que foi citado pelo autor Rosimar Severino dos Ramos, o Decreto de nº: 7.619 de outubro de 1909, o governo federal não cria o Departamento Federal de Obras Contradas as Secas (DNOCS), mas sim a Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS). Como já citei anteriormente, o DNOCS só aparece no cenário nordestino durante o governo de Getúlio Vargas. Segundo relata Rosimar Severino dos Ramos (2002, p. 04):

Penosas cavalgadas, cansativas excursões pelo interior do Nordeste cruzando vales, transpondo montes e serras, entrecortando as terras em todas as direções. Assim teve início a longa caminhada desenvolvida pelo DNOCS, órgão criado pelo presidente Nilo Peçanha, através do Decreto nº: 7.619 de outubro de 1909, com o nome de Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas – IFOCS e, em 1945, Departamento Nacional de Obras Contradas as Secas. Até 1.959 foi a única agência do Governo Federal executora de obras de engenharia na região, como construção de açudes, estradas, pontes, portos, ferrovias, hospitais e campos de pouso; implantou redes de energia elétrica e telegráficas, usinas hidrelétricas e foi responsável por socorrer às populações de flagelados até o surgimento da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE.

O Açude Público de São Gonçalo e o Instituto Agrônômico que foi liderado por José Augusto Trindade são dois importantes e principais exemplos de obras do governo federal de combate às secas. Em 1945 o Instituto Agrônômico recebia o nome de IAJAT (Instituto Agrônômico José Augusto Trindade) em homenagem a seu idealizador José Augusto Trindade.

Talvez seja este o motivo da instalação e desenvolvimento de tantas famílias na região. O investimento das obras de construção do Açude Público, escolas, igrejas, posto médico e a criação do IAJAT foram suportes para garantir as famílias que viam no Distrito de São Gonçalo uma esperança, principalmente nos anos de 1920 e 1930. Como afirma Trindade (2005, p. 51-52)

Faz-se mister assinalar que, sendo o Posto Agrícola do Açude São Gonçalo o mais aparelhado dos Postos Agrícolas da IFOCS, e em face da necessidade de ser incrementada a experimentação agrícola no semiárido nordestino, o chefe da Comissão de Serviços Complementares, Dr. J. A. Trindade, e o Inspetor de Secas, engenheiro Luiz Vieira, resolveram transformar o Posto Agrícola em Instituto Experimental da Região Seca, no ano 1937. Foram então construídos, o prédio dos laboratórios, casas para os técnicos, as instalações das seções de horti-pomilicultura; de zootecnia; de fitosanidade; de botânica e ecologia e de solos. Ao mesmo tempo em que eram compradas para o futuro instituto as máquinas e aparelhos indispensáveis que ali existem, cujo conjunto e suas realizações têm merecido os mais francos elogios de grandes autoridades nacionais e estrangeiras. O Instituto Experimental da Região Seca foi inaugurado em 16 de outubro de 1940, quando da visita do presidente Getúlio Vargas a São Gonçalo.

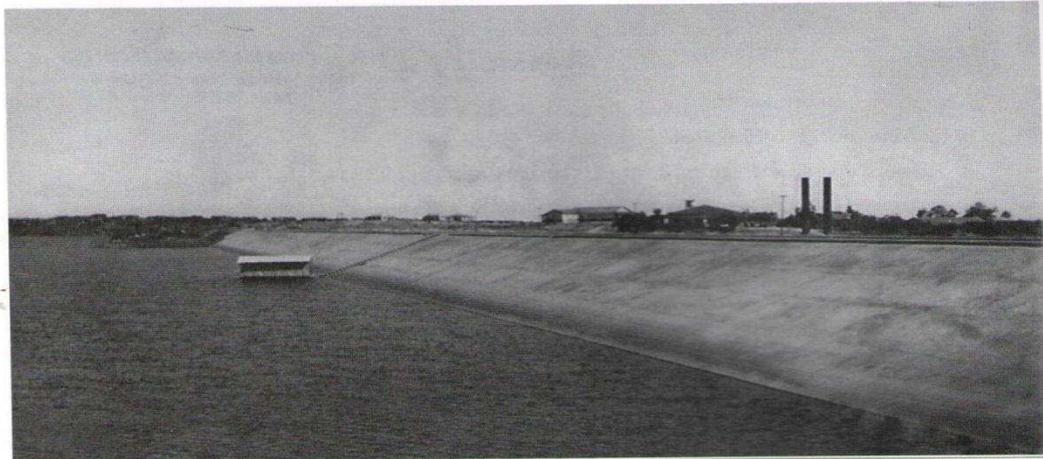
Sabendo da importância do IFOCS para São Gonçalo e região, o então presidente Getúlio Vargas realizou uma visita no Acampamento Federal em 15 de setembro de 1933. Neste dia o presidente e toda sua comitiva visitaram as obras do Açude Público de São Gonçalo. A segunda visita de Getúlio ocorreu nos dias 16 e 17 de outubro de 1940. O órgão federal de combate às secas já era conhecido como DNOCS. Foi nesta visita que o presidente inaugurou o Instituto Experimental da Região da Seca, prédio conhecido como “instituto”, outrora passaria a ser chamado de Instituto Agrônômico José Augusto Trindade (IAJAT), como citei anteriormente.

Paulo de Brito Guerra (1977, p. 15) disse que “um dia será feita justiça ao velho órgão, pioneiro em tudo, nesta terra de bravos”. Ainda sobre a transição de IFOCS para DNOCS, André de Souza (2012) relatou que “foi a principal agência federal no Nordeste até a criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE)”.

As três imagens abaixo foram cedidas pelo escritor e funcionário público federal Josemar Alves Soares. Todas do ano de 1940. A primeira apresenta o Presidente da República Getúlio Vargas e comitiva visitando um dos lotes do Perímetro Irrigado de São Gonçalo (PISG). A segunda imagem é do Açude Público de São Gonçalo onde ao fundo aparece o Hospital e Maternidade Pública de São Gonçalo, a Casa de Força e o Hotel-Restaurante Catete. A terceira imagem também faz alusão à visita do presidente Getúlio Vargas ao Acampamento Federal de São Gonçalo em 1940. O presidente e toda sua comitiva almoçam no Hotel-Restaurante Catete, local que fora construído concomitantemente com o Açude Público de São Gonçalo. Servia para hospedar autoridades federais que visitavam e moravam no Acampamento Federal.



(Imagem 4: Visita de Getúlio ao Distrito de São Gonçalo - Josemar Alves Soares, 2017, p.15)



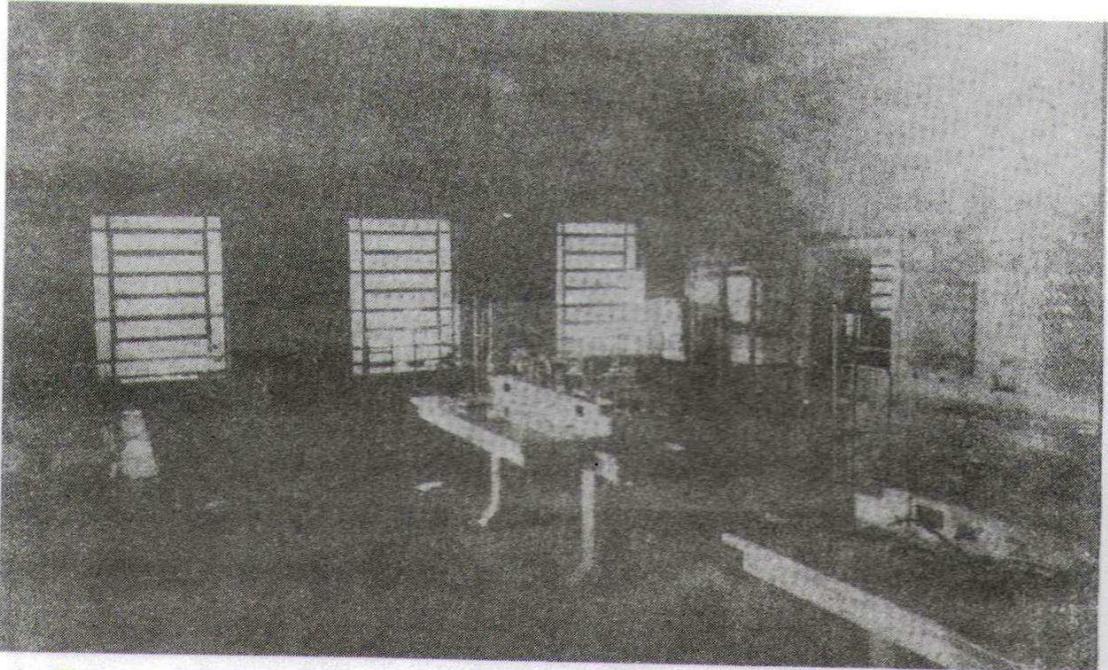
**DÉCADA DE 1940 - Vista do açude e barragem. À direita: o Hospital Maternidade de São Gonçalo, o Hotel Catete e a antiga casa de força.**

**ANO DE 1940 - Almoço do presidente Getúlio Vargas no Hotel Catete.**



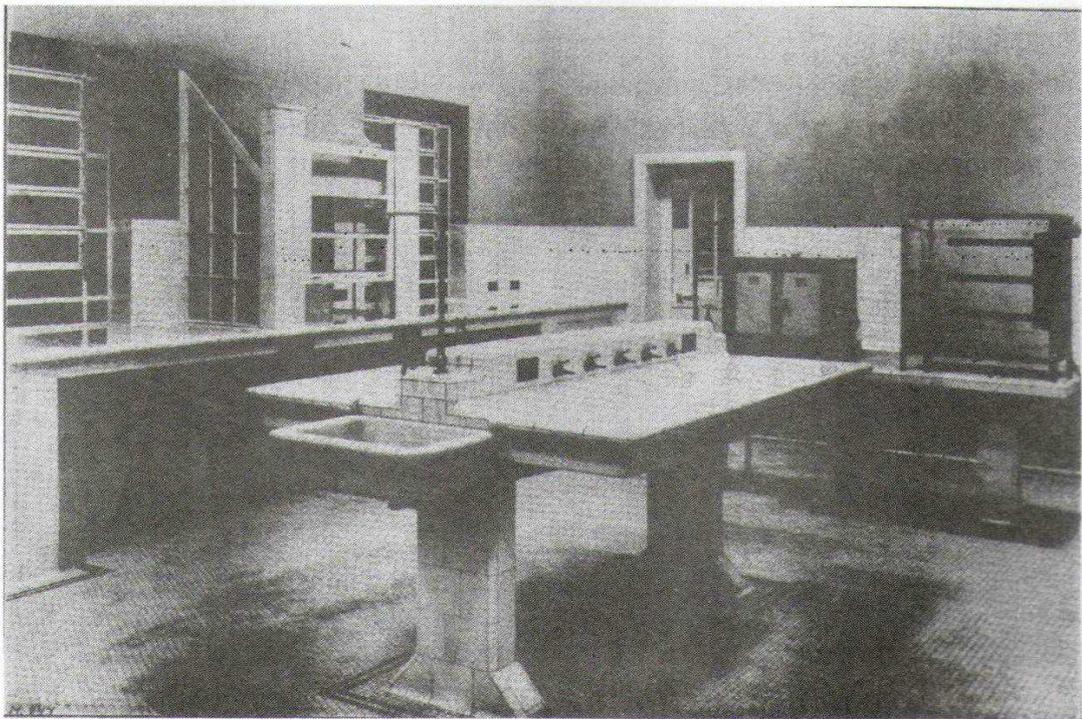
(Imagem 5: Visita de Getúlio ao Distrito de São Gonçalo - Josemar Alves Soares, 2017, p.4)

O DNOCS investiu na construção de laboratórios e no estudo dos solos da região de São Gonçalo. O objetivo desses laboratórios era observar a qualidade dos solos e das culturas que ali eram plantadas. Observe as imagens a seguir, retiradas do livro *A Agronomia do Essencial*, do autor Marcos Augusto Trindade. As imagens são dos antigos laboratórios do Instituto Agrônomo José Augusto Trindade. O objetivo destes laboratórios era o estudo do solo e daquilo que era produzido neste. Veja a seguir:



*Foto antiga do interior dos Laboratórios para pesquisas de solos, águas e matérias-primas vegetais, em São Gonçalo*

(Imagem 6: Marcos Augusto Trindade, 2005 p. 517).



*Foto antiga da montagem dos laboratórios de São Gonçalo*

(Imagem 7: Marcos Augusto Trindade, 2005, p. 517).

Estes laboratórios auxiliavam os colonos que começavam a se instalar na região e iniciar no plantio de diversas culturas no Distrito de São Gonçalo. Alves (2013, p. 28) afirma que:

Na década de 1930, o IFOCS passa a contar com uma equipe de especialistas representada por agrônomos, pedólogos, engenheiros, botânicos, geólogos e hidrólogos designados para atuarem no Nordeste brasileiro, com vistas à realização de estudos minuciosos do semiárido, de sua flora nativa e das possibilidades de adaptação de outras espécies à região.



(Imagem 8: Marcos Augusto Trindade, 2005, p. 519)

A açudagem pública também constituiu umas das atividades primordiais no ataque ordenado das prolongadas estiagens que atingiram a região, paralelamente secundada por outras realizações. Este tipo de obra requer conhecimentos específicos, obtidos à base de estudos e experiências locais, que não podem ser importados de outras áreas e que demandam grande período de observações para início e conclusão da obra. Pereira Nóbrega relata sobre a construção do Açude de São Gonçalo dizendo que (2004, p. 63):

Nas proximidades do paredão do açude era tanto movimento que dava vontade de parar para ficar olhando. Guindastes possantes vagarosamente levantavam no espaço centenas de quilos. Caminhões chegavam e saíam, descarregando terra. Um homem alto dava ordens em inglês. Como um gigante, o paredão do açude ia-se encravando na rocha da serra, erguendo o dorso vermelho, devorando toda a cal do sertão. Demoraram tanto que a casa-de-força apitou onze horas. Era uma fumaça preta saindo das duas chaminés, lá em cima e uma buzina aguda, estridente, que se ouvia em toda a redondeza. Era fim de expediente de trabalho. Centenas de operários encheram logo os caminhos, subindo ladeiras, buscando seus casebres.

Os dados a seguir apresentam o que foi gasto na construção do Açude Público de São Gonçalo, bem como a quantidade de operários e materiais utilizados na obra. A planilha foi apresentada ao Governo Federal pela Comissão incumbida de visitar as obras contra as secas que aconteceram no Nordeste do Brasil e publicada no Diário Oficial de 20 de Fevereiro de 1923. A tabela foi retirada do livro Memorial da Seca (Fundação Guimarães Duque). Sendo o açude a maior e mais importante obra de combate as secas em São Gonçalo é importante apresentar aqui informações vitais sobre o mesmo. O início das obras foi em 01/10/1921 e inaugurado em 1936. Sua barragem têm 43 metros de altura e 310 metros de comprimento. Foram importadas cerca de 2.400 toneladas de materiais. Uma média mensal de 1639 operários na obra. Nesta época a construtora responsável pela obra construiu 16 casas com arquitetura norte-americana (Rua 16, existente até hoje). Segundo a tabela abaixo o custo total da obra foi de 63.300:000.000.

Doc. 39 (A)	AÇÜDES DE ALVENARIA					
	Assumpt	São Gonçalo	Piranhas	Piñões	Orós	Poço dos Pães
Início das obras	1-10-1921	1-7-1921	1-2-1922	1-2-1922	1-12-1921	15-8-1921
Prazo provavel para conclusão	Dezembro de 1923	Dezembro de 1926	Junho de 1923	Dezembro 1923	Dezembro 1923	Dezembro 1926
Altura da barragem	45 metros	34 metros	27 metros	65-70 metros	64 metros	64 metros
Comprimento da barragem	140 metros	140 metros	50 metros	32 metros	610 metros	610 metros
Volume de alvenaria a empregar	105 000 m <sup>3</sup>	243 000 m <sup>3</sup>	100 000 m <sup>3</sup>	153 000 m <sup>3</sup>	600 000 m <sup>3</sup>	600 000 m <sup>3</sup>
Produção de concreto m <sup>3</sup> /dia	373 m <sup>3</sup> por dia	0,30 m <sup>3</sup> por dia	380 m <sup>3</sup> por dia	600 m <sup>3</sup> por dia	600 m <sup>3</sup> por dia	0,30 m <sup>3</sup> por dia
Sondagem de linha de barragem	4 416,34 metros	7 at. 27 metros	Nenhuma	Nenhuma	Nenhuma	17 at. 31 metros
Qualidade da fundação	Acceptavel	Excelente	Satisfactoria	Proavelmente boa	Excelente	Excelente
Quanto de instalação de jls feitos	90	79	40	35	100	100
Quanto de material importado necessário	2.400 toneladas	3.891 toneladas	2.000 toneladas	3.800 toneladas	4.000 toneladas	4.000 toneladas
Quanto de material local	2.470 toneladas	3.803 toneladas	1.751 toneladas	3.500 toneladas	4.000 toneladas	4.000 toneladas
Quanto de material encomendado localmente	2.470 toneladas	3.803 toneladas	1.751 toneladas	3.500 toneladas	4.000 toneladas	4.000 toneladas
Transporte o médio de pedras	800 m <sup>3</sup> por dia	2.000 m <sup>3</sup> por dia	1.730 toneladas	3.500 toneladas	4.000 toneladas	800 m <sup>3</sup> por dia
Custo médio de alvenaria applicada (todas despesas incluídas)	1031 por m <sup>3</sup>	1005 por m <sup>3</sup>	100 por m <sup>3</sup>	103 por m <sup>3</sup>	1026 por m <sup>3</sup>	1026 por m <sup>3</sup>
Média mensal de operarios	1.029	2.178	617	1.931	1.931	2.878
Operarios em serviço em nov. 1923	1.150	1.150	431	1.303	1.303	1.500
Numero de casas construídas	16	31	6	16	30	30
Custo da instalação referendo ao valor da obra	\$1,83 por m <sup>3</sup> de concreto	\$1,63 por m <sup>3</sup> de concreto	\$1,00 por m <sup>3</sup> de concreto	\$1,63 por m <sup>3</sup> de concreto	\$1,63 por m <sup>3</sup> de concreto	\$1,63 por m <sup>3</sup> de concreto
Barragens auxiliares	Nenhuma	Nenhuma	Nenhuma	Nenhuma	Nenhuma	Nenhuma
Capacidade da força motriz	370 Kw	1.022 Kw	501 Kw	1.001 Kw	1.000 Kw	1.000 Kw
Natureza desta força	Thermo-electrica	Thermo-electrica	Thermo-electrica	Thermo-electrica	Thermo-electrica	Thermo-electrica
Custo do material importado	\$360.000,00	\$570.000,00	\$170.000,00	\$377.000,00	\$600.000,00	\$600.000,00
Bacia hydrographica	Recebe agua do Piranhas do qual a barragem de diversion	339 Km <sup>2</sup>	800 Km <sup>2</sup>	21.000 Km <sup>2</sup>	3.470 Km <sup>2</sup>	3.470 Km <sup>2</sup>
Capacidade da bacia hydraulica	75 m <sup>3</sup>	500 m <sup>3</sup>	371 m <sup>3</sup>	3.500 m <sup>3</sup>	1.400 m <sup>3</sup>	1.400 m <sup>3</sup>
Precipitação media pluviometrica	900 m/m	940 m/m	780 m/m	700 m/m	850 m/m	850 m/m
Area irrigavel	10 mil hectares	10 mil hectares	10 mil hectares	35 mil hectares	22 mil hectares	22 mil hectares
Custo provavel da barragem	16.500 contos	28.000 contos	10.000 contos	35.000 contos	60.000 contos	60.000 contos
Custo provavel do systema de irrigação	9.033.033,272	9.033.033,272	9.033.033,272	42.000 contos	15.000 contos	15.000 contos
Custo total da barragem e systema de irrigação	25.533.033,272	37.033.033,272	19.033.033,272	77.000 contos	75.000 contos	75.000 contos
Custo do hectare irrigado	2.553,303	3.703,303	1.903,303	2.200 contos	3.409,000	3.409,000
Estado dos servicos	Instalações quasi promptas em pleno funcionamento.	Instalações em periodo de conclusão	Metade da instalação quasi prompta, casas de machinas quasi promptas.	Instalações heu concluídas em metade do machinario acciada.	Instalações completas em pleno funcionamento.	Instalações completas em pleno funcionamento.
Org. nização	Muito boa e eficiente; systema central para distribuição de força thermo-electrica.	Muito boa e eficiente; systema central para distribuição de força thermo-electrica.	Boa e eficiente; systema central de distribuição de força thermo-electrica.	Muito boa e eficiente; systema central de distribuição de força thermo-electrica.	Muito boa e eficiente; systema central de distribuição de força thermo-electrica.	Muito boa e eficiente; systema central de distribuição de força thermo-electrica.
Administração	Homogenea e excelente, com as reservas accentuadas adiante.	Homogenea e excelente, com as reservas accentuadas adiante.	Há, um pouco tardas com as reservas accentuadas adiante.	Homogenea e excelente, com as reservas accentuadas adiante.	Homogenea e excelente, com as reservas accentuadas adiante.	Homogenea e excelente, com as reservas accentuadas adiante.
Despesa provavel para conclusão das barragens	114.500.000-000	114.500.000-000	114.500.000-000	114.500.000-000	114.500.000-000	114.500.000-000
Despesa provavel para o systema de irrigação	9.033.033,272	9.033.033,272	9.033.033,272	42.000.000-000	15.000.000-000	15.000.000-000
Despesa total feita	123.533.033,272	123.533.033,272	123.533.033,272	156.500.000-000	129.500.000-000	129.500.000-000
Despesa total a fazer	11.033.033,272	11.033.033,272	11.033.033,272	21.500.000-000	50.000.000-000	50.000.000-000

Nota — A despesa total a fazer em cada hectare approximativa, por não haver orçamento, o custo da barragem é calculado sobre o preço unitario (não verificado) de 1000 por m<sup>3</sup>

Obras Contra as Secas — Pag. 46 — 3

(Tabela 3: Tabela com dados dos gastos com o Açude Público de São Gonçalo – Memorial da Seca, 1981, p.120)

O DNOCS, outrora IFOCS, manteve-se firme e sacramentou sua atuação no Distrito quando em 1932 entrega a população um açude com a capacidade de captação de 44 milhões de metros cúbicos de água, mais um motivo de transferir esperança ao sertanejo que se instalava na região para a sobrevivência, luta e combate às secas.

O Açude Público de São Gonçalo fora inaugurado no ano de 1936 e o Acampamento Federal que outrora tinha recebido obras do Governo Federal precisava de uma chefia para organizar e estruturar equipes de trabalho nas repartições. Os principais chefes do Distrito de São Gonçalo foram: Manoel Tavares de Melo C. Filho (05/11/1934 a 12/03/1941), Carlos Alves das Neves (04/1941 a 09/1941). No período de 10/1941 a 03/1942 o Distrito de São Gonçalo foi chefiado por Estevam Strauss e Paulo de Brito Guerra.

No próximo capítulo apresentarei algumas obras, heranças do IFOCS e DNOCS em São Gonçalo de forma mais detalhada. O IFOCS foi o baluarte no desenvolvimento de São Gonçalo. O açude, as ruas, casas, grandes prédios representam, até hoje, o trabalho do Governo Federal no tocante ao auxílio à convivência com as secas. O nascimento do Distrito de São Gonçalo será detalhado nas próximas páginas desta pesquisa.

## **CAPÍTULO 3 - DISTRITO DE SÃO GONÇALO: UM DOS FRUTOS DO IFOCS**

No capítulo anterior apresentei a criação do IFOCS e sua atuação em relação à problemática das secas. Os recursos gastos e a atuação dos governos em alguns momentos políticos do país. O que antes era somente uma Inspeção de Obras Contra as Secas (IOCS), passou a ser um instituto federal. Neste capítulo abordo de maneira mais detalhada o surgimento do Distrito de São Gonçalo. Isso só foi possível graças a construção do açude que, outrora, atrairia trabalhadores de várias regiões do Nordeste. A consolidação do Distrito de São Gonçalo foi marcada também por outras realizações do IFOCS. Apresento aqui o Instituto Agrônomo, a Casa de Hóspedes, os Apartamentos, a Rua 16, o Colégio Estevam Marinho, o Posto Telefônico e a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes. Este capítulo é uma sequência do que foi discutido anteriormente.

Para conhecermos mais detalhadamente um pouco da história do Distrito de São Gonçalo é importante citar uma breve cronologia do Acampamento Federal, apenas para fins de informação, extraída do livro **São Gonçalo: Fragmentos da História**, do autor Josemar Alves Soares (2013, p. 328):

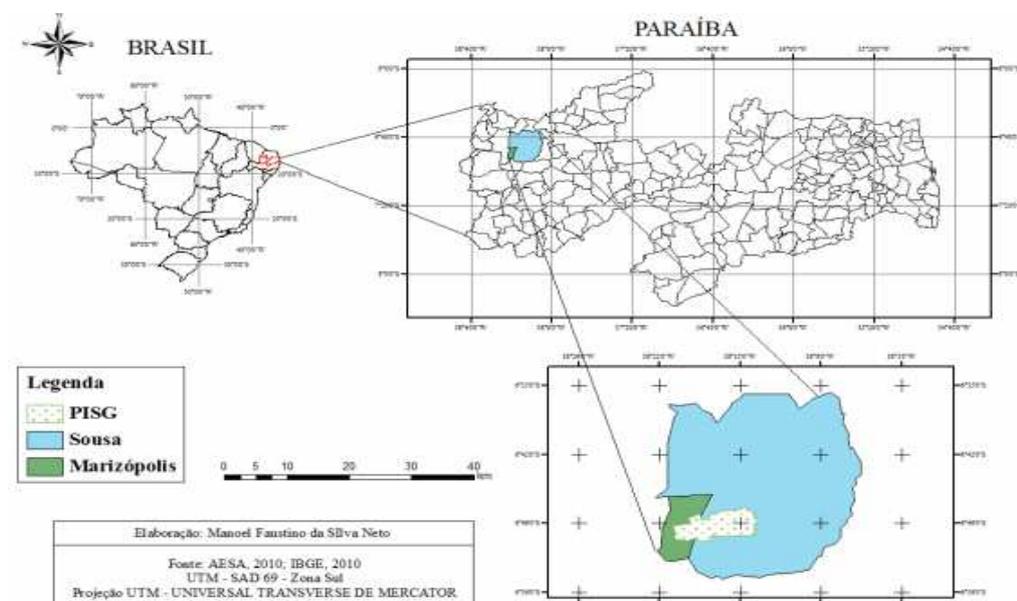
Linha do tempo de São Gonçalo – Paraíba.

### **ANO FATO HISTÓRICO / ACONTECIMENTO**

1920 Desapropriação dos sítios para a construção do açude  
1921 Contratação da empresa americana Dwight P. Robinson & C.Inc. e início das obras de construção do açude e vila de São Gonçalo  
1925 Paralisação das obras de construção  
1926 Conclusão da BR-230  
1929 Tentativa de retirada do material do açude  
1930 Posse do Presidente Getúlio Vargas  
1931 Novo regulamento da IFOCS  
1932 Reinício das obras de construção  
Criação Comissão Técnica de Reflorestamento da IFOCS  
Contratação de José Augusto Trindade  
1933 Grave acidente na barragem  
Início do Posto Agrícola São Gonçalo

Inauguração do Hotel Catete  
 Primeira visita do Presidente Getúlio Vargas  
 1934 Construção do silo aéreo no Posto de Agronomia  
 Inauguração do Posto Agrícola São Gonçalo  
 I Exposição Agropastoril do sertão da Paraíba em São Gonçalo  
 Conclusão da Barragem  
 1935 Inundação do acampamento de São Gonçalo  
 Início da irrigação no Nordeste  
 1936 Inauguração do açude  
 Transferência da Sede da 1ª Inspeção p/ São Gonçalo  
 1937 Criação do Instituto Exp. da Região Seca  
 Lançamento de “A Barragem”, de Inez Mariz  
 Construção do aeródromo do DNOCS em Sousa  
 1938 Inauguração da estação de meteorologia  
 1940 Primeira sangria do açude (pluv. 1.350 mm)  
 Segunda visita do Presidente Getúlio Vargas  
 Inauguração do Instituto Experimental da Seca  
 1941 Morte de José Augusto Trindade  
 Transformação do Instituto da Seca em IJAT  
 Posse de José Guimarães Duque na Com. S. Complementares  
 Inauguração da Usina da Inspeção  
 1942 Morte do ex-Presidente Eptácio Pessoa  
 Visita de José Américo de Almeida  
 1945 Transformação da IFOCS em DNOCS.

O mapa abaixo apresenta, de forma detalhada, o Perímetro Irrigado de São Gonçalo (PISG), objeto de estudo do capítulo que segue.



(Mapa 1: PISG - Fonte: Silva Neto Apud - <http://atlas.ana.gov.br> Acesso em 22/05/2017)

### **3.1. Em meio às obras do IFOCS surge o Distrito de São Gonçalo.**

A ação do IFOCS no combate as secas do Nordeste promoveu outros impactos além da açudagem. No caso de Sousa-PB, beneficiária direta da construção do açude Público de São Gonçalo, outros impactos não previstos aconteceram na comunidade. Um destes foi à consolidação do Distrito de São Gonçalo. Já vimos nas páginas anteriores dos diversos investimentos do Governo Federal no Sertão nordestino. O IFOCS instalou-se em terras de famílias que seriam indenizadas com a finalidade de iniciar as obras de assistencialismo ao sertanejo. O canteiro de obras é consolidado. Iniciam-se as obras e o açude impulsionará o surgimento do Distrito de São Gonçalo. O Distrito de São Gonçalo está localizado a 13 quilômetros de distância de Sousa, região do Vale do Rio Piranhas.

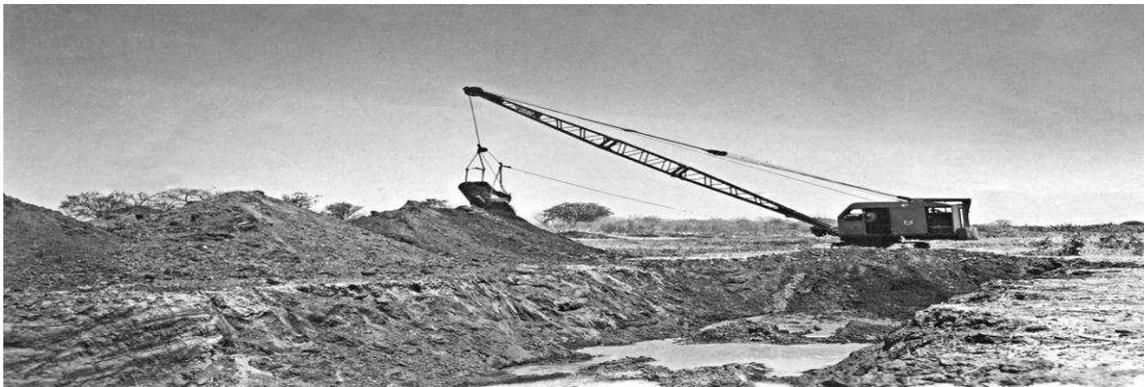
Nesta pesquisa destaco a construção do açude, já que foi a obra que causou impacto e ocasionou o desenvolvimento e povoamento da região. Pereira Nóbrega (2004, p. 59) relata que:

As águas fugiram. Um dia se entendeu que o sertão seria feliz quando suas águas não chegassem ao mar. Levantaram-se as grandes represas, ergueram-se as barragens, a pequena e a grande açudagem. Eram os diques de uma nova Holanda. Mas, agora tudo ao inverso: diques postos precisamente para a terra ficar debaixo das águas. No alto Sertão da Paraíba, no município de Sousa, o povo simples do campo viu chegar uma nova gente: uma raça de gente que se chamava “mister” e falava embrulhado, para ninguém entender. Eram norte-americanos. Vinham para fazer com os diques, a greve dos rios contra o mar. Trouxeram máquinas nunca vistas, desapropriaram terras e se colocaram nas gargantas das serras. Esperando o rio para prender quando passasse. Puseram-se eles em São Gonçalo, naquele tempo menos que um lugarejo, uma fazenda de Sousa. Iam deter o rio.

São Gonçalo não nasceu tão somente pelo motivo da secas, mas surgiu também da esperança que alguns tinham em ver o desenvolvimento do Nordeste. Várias áreas foram desapropriadas, inclusive o sítio Cajá, atual região que compreende os Núcleos Habitacionais I e II. Após a desapropriação das áreas deu início a construção do Açude em 1921. Terras pertencentes à família Rocha, o local chamado São Gonçalo foi pensado por engenheiros e agrônomos. Dentre eles se destacaram o engenheiro Estevam Marinho e o agrônomo José Augusto Trindade. A convite destes, engenheiros norte-americanos estiveram presentes para participarem das construções em 1922, com a produção de motores, fábricas de gelo, trilhos e fios para a construção da barragem, que terá fim somente em 1932 e inaugurado em 1936. Cláudia Nascimento de Queiroz (1993, p. 25) afirma que:

Logo depois da desapropriação do espaço que seria pertencente ao Perímetro Irrigado de São Gonçalo (PISG), houve a fase da construção de sua infraestrutura, abrangendo as obras relativas à rede de irrigação e drenagem, como também edificação da infraestrutura social com a construção das casas dos colonos, eletrificação, urbanização, entre outros.

Foi no final de 1921 e início de 1922 que é iniciado a construção do Açude Público de São Gonçalo. A imagem abaixo apresenta um dos maquinários responsáveis pelas escavações da terra na construção do açude.



(Imagem 9: Maquinário na escavação do Açude de São Gonçalo - Marcos Augusto Trindade: 2005, p. 520)

A conclusão da obra estava prevista para 1925, mas em 1923 os trabalhos foram paralisados, pelo então Presidente da República Artur Bernardes, como citei anteriormente. Foi no ano de 1932 que as obras da construção do Açude de São Gonçalo ganharam forças. O mesmo seria concluído e inaugurado em 1936, com o apoio do Presidente Getúlio Vargas. Observe a imagem abaixo que nos leva a de grande importância do Distrito de São Gonçalo que abriria portas às novas realizações no PISG.



(Imagem 10: Inauguração do Açude Público de São Gonçalo - Josemar Alves Soares: 2017, p. 12)

As imagens abaixo mostram o Açude Público de São Gonçalo nos dias atuais. Devido a estiagem, o mesmo apresenta o nível abaixo do esperado em anos chuvosos.



(Imagem 11: Açude de São Gonçalo - Arquivo pessoal: 22/05/2017)



(Imagem 12: Açude de São Gonçalo - Arquivo pessoal: 22/05/2017)



(Imagem 13: Sangradouro do Açude Público de São Gonçalo - Arquivo pessoal: 22/05/2017)

Neste momento é importante destacar também a “Indústria da Seca”, ora propícia para que alguns políticos interessados em enriquecer aproveitassem a oportunidade para desviar dinheiro das obras de combate às secas no Nordeste e regiões afetadas.

Quanto à indústria da seca, Lúcia Guerra (1993, p. 72) cita que:

Dentre os diversos fatores que levaram ao nascimento da chamada indústria da seca, três se destacam pelo seu caráter estrutural: a crise crônica da economia nordestina, agravada pelas estiagens prolongadas; a organização política de um Estado voltado para atender aos interesses privados de determinado segmento da sociedade em detrimento dos demais; e a articulação de um lobby, sempre a postos, para carrear recursos para a região Nordeste.

Vimos que o IFOCS surgiu com a finalidade de combater as secas que assolavam o Nordeste. No capítulo anterior conhecemos a origem do órgão federal e seus principais objetivos. Na pequena localidade as máquinas chegaram, as ruas começaram a surgir, famílias inteiras reunidas, o açude foi projetado e a obra iniciada.

Segundo Edilberto Abrantes (2010, p. 62):

São Gonçalo passou a receber gente aos milhares, famílias inteiras fugindo da seca, advindas de todos os recantos do Nordeste. O açude seria um grande referencial para suprir as necessidades desta terra, aliado aos Rios Piranhas e Rio do Peixe que abraçam Sousa e a transformam numa terra promissora e cheia de perspectivas de investimento. Era o desenvolvimento e o progresso da região.

Uma das técnicas e obras pensadas pelo IFOCS para resolver o problema das secas em São Gonçalo foi o processo de açudagem, um dos principais meios para captar água das chuvas e tentar resolver alguns problemas causados pela seca, como apresentei nas imagens anteriores.

O que se viu em São Gonçalo foi uma “atração populacional” e o ritmo acelerado das obras e de projetos de irrigação e cuidado com as terras. Alves (2013, p. 62) relata que:

Com o gigantismo das obras, as máquinas e aparelhos utilizados causavam tremendo espanto e admiração em toda a região: guindastes, compressores, britadores, motores-bomba, guinchos gigantescos, vibradores, locomotivas (cafuringas), tratores, caminhões, escavadeiras, trac-truc, marteletas, betoneiras, trolley e caçambas. O ritmo da construção da barragem se inicia de maneira alucinante. A serra, sobre a qual a estrada passa, começa a ser dinamitada. Todos teriam que se afastar do local. Moradores eram impelidos a sair de suas casas, para locais mais seguros. Enormes blocos de rocha se evaporavam pelo espaço distante, tamanho era o poderio e a amplitude dos explosivos.

Várias barragens foram construídas nos territórios pertencentes ao Governo Federal no que compreende o vasto território do Nordeste brasileiro.

A açudagem pública tem constituído uma das atividades primordiais do DNOCS no ataque ordenado as prolongadas estiagens, paralelamente secundada por outras realizações. Este tipo de obra requer conhecimentos específicos, obtidos à base de estudos e experiências locais, que não podem ser importados de outras áreas e que demandam grande período de observações. Este plano está dividido em Sistemas Principais e Complementares. Objetivando a utilização global das águas precipitadas dentro de todas as serventias da açudagem, conforme está amplamente exposto em diversas publicações editadas pelo DNOCS. (ROSADO, 1985, p. 332).

Os primeiros trabalhadores, os “cassacos”, vinham de várias partes do Nordeste e do Brasil. O primeiro escritório do IFOCS instalado em terras são-gonçalenses era rotineiramente visitado por vários homens que procuravam emprego e a instalação definitiva no local com seus familiares. Lamartine de Faria (1966, p. 104) relata que:

Os retirantes, esgotados com a caridade particular, afadigados de esperar recursos em seus locais de moradia e quem sabe até cansados de pedir ajuda do céu, migravam esperando auxílio do poder público. Foram os cassacos que erigiram ferrovias, rodovias, açudes, pontes, escolas, igrejas, redes de energia elétrica, campos de pouso, linhas telegráficas. Esses trabalhadores eram chamados de cassacos. Esse nome é emprestado de uma espécie de gambá no Ceará, Pernambuco, Paraíba e em outros estados Nordestinos. Esse animal é encontrado geralmente em lugares do interior. É feio, sujo e muito fedorento.

Na imagem abaixo vemos uma multidão de pessoas procurando trabalho na frente do escritório do IFOCS em São Gonçalo. Estes seriam destinados para trabalhar nas obras em andamento e outrora nos projetos de irrigação do perímetro irrigado.



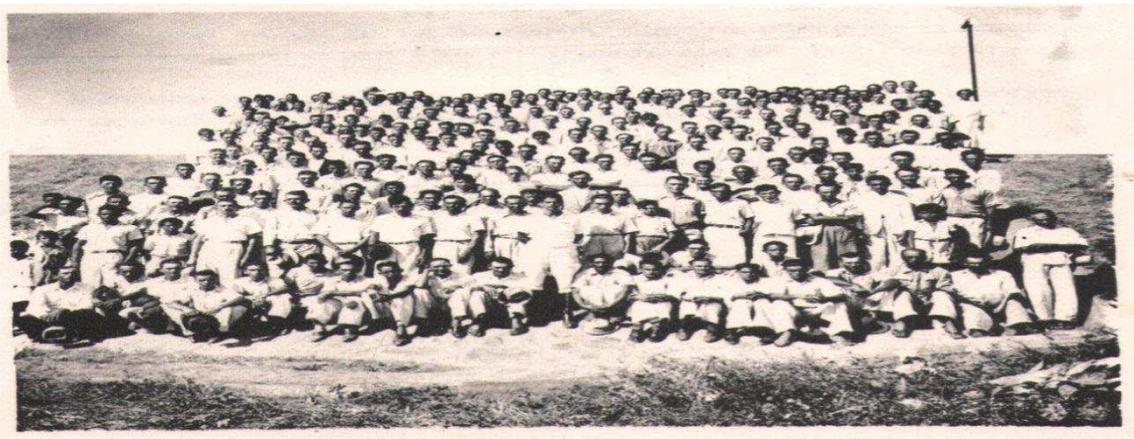
(Imagem 14: Trabalhadores em frente ao IAJAT - Paulo de Brito Guerra, 1977, p. 19).

Ainda em relação à imagem anterior que foi retirada em frente ao antigo escritório do IFOCS, apresento uma imagem atual do mesmo local onde os trabalhadores estavam à procura de emprego.



(Imagem 15: Escritório do IFOCS, atual DNOCS – São Gonçalo – PB. Arquivo pessoal: 20/05/2017).

Já a segunda imagem, segundo o Paulo de Brito Guerra (1977, p. 19) vemos os operários do Instituto Agrônomo responsáveis pelo trabalho de irrigação das terras do Perímetro Irrigado de São Gonçalo. No centro da imagem, Dr. Murilo Mendonça, responsável pelas irrigações. Esse local fica próximo a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes no Distrito de São Gonçalo.



(Imagem 16: Trabalhadores do IFOCS, Paulo de Brito Guerra, 1977, p. 105).

É importante também apresentar os investimentos em construções no Distrito de São Gonçalo, obras estas que serviram para impulsionar o sistema de irrigação do local e resolver, em partes, a problemática das secas. No ano de 1932 é selada a direta atuação do órgão federal em São Gonçalo, digo isso porque foi em 1932 que grandes obras são iniciadas e pensadas por autoridades que ainda nos dias de hoje são conhecidos nacionalmente. É o caso do engenheiro agrônomo José Augusto Trindade, um dos precursores dos Postos Agrícolas pensados por autoridades ligadas ao órgão federal de combate as secas.

Trabalhadores nordestinos deixaram suas cidades, também atingidas pela seca e se trasladaram para o local onde começaram a serem contratados para trabalhar no Distrito que surgira. O local chamava atenção devido à existência de um açude capaz de suportar 44 milhões de metros cúbicos de água. Os moradores podiam também se dedicar ao plantio, já que o local possuía uma vasta área. Segundo Queiroz (1993, p. 30):

As famílias foram gradativamente alojadas em três Núcleos Habitacionais (ou vilas). Os nomes atribuídos a estes Núcleos Habitacionais ocorriam seguindo sucessão numérica em que as obras destes lugares estavam sendo terminadas, nas diversas fases de implantação do Perímetro, no sentido de possibilitar a moradia das primeiras famílias escolhidas. Neste sentido, os núcleos foram denominados somente por Núcleo I, Núcleo II e Núcleo III. Estes lugares foram estruturados por estradas, água encanada, energia elétrica, por casas para a moradia dos colonos, entre outros. As casas eram compostas por duas salas, dois a três quartos, banheiro, cozinha, dispensa e terraço, porém, todas elas possuíam dimensões pequenas para o tamanho das famílias (média de sete filhos por família) que iriam nelas se alojar.

Era enorme a procura por casas e por lotes de terras pelos agricultores. Estes precisavam se inscrever no processo de seleção realizado pelo setor de assistência social do IFOCS. O desejo era ter seu lote, residência e melhorar de vida. Observe a imagem a seguir:



(Imagem 17: Entrevista com os colonos e posteriormente entrega de casas - Gentilmente cedida pelo Sr. José Messias Filho)

Os irrigantes eram entrevistados pelos técnicos, em seguida sem eles saberem que estavam sendo avaliados, as assistentes sociais visitavam as suas residências para ver se condizia com sua entrevista. Aí estão na imagem acima, a Dr<sup>a</sup> Antonieta "Assistente social" e seu Mundico motorista do IFOCS realizando as entrevistas segundo o Sr. José Messias Filho e suas anotações nas fotos.

A seleção dos colonos seguia alguns critérios. De acordo com Queiroz (1993, p. 64):

Esta legislação determinava, conseqüentemente, que os postulantes aos lotes deveriam preencher as seguintes condições: a) ter a agropecuária como atividade exclusiva; b) ter idoneidade comprovada; c) ser chefe de família; d) ter idade entre 19 e 60 anos; e) ter condições físicas e mentais que o tornem aptos ao trabalho. A fase de seleção dos irrigantes era composta por duas etapas finais: a primeira referente às condições gerais dos candidatos e na segunda etapa se estabeleceria as preferências de cunho social (os proprietários atingidos pela desapropriação, chefes de famílias mais numerosas e os alfabetizados).

Foi no ano de 1940 que aconteceu a primeira sangria do Açude Público de São Gonçalo. Com isso a procura por moradias e trabalhos no local crescia consideravelmente. Para os que chegavam era uma obra grandiosa admirada por turistas e moradores locais. Alves (2013, p. 74) diz que o acontecimento:

Atraiu um enorme contingente de pessoas ao acampamento, notadamente para o início da Rua do Túnel, de onde se avistava o mar d'água surgindo entre os horizontes das serras e escorrendo pelas gargantas do sangradouro. Neste ano choveu em São Gonçalo 1.350 mm.

Ainda segundo Manuel Luiz da Silva (1996, p. 45-46):

O perímetro irrigado de São Gonçalo, considerado um modelo entre os demais, fundado ainda com a criação dos serviços complementares das obras contra as secas, produziu bons frutos e alcançou os objetivos que se tinham em mente. Sob a responsabilidade do Governo Federal, atingiu cada vez mais uma grande área de agricultura diversificada, firmando o campesino em suas terras de origem e evitando, conseqüentemente, o êxodo rural.

Para organizar os lotes que eram doados aos colonos e outros trabalhadores que se instalavam em São Gonçalo foi necessário a construção de prédios que serviriam de sede local para controle da água (irrigação) e das terras onde seriam utilizadas para o plantio. O IAJAT (Instituto Agrônômico José Augusto Trindade) recebe esse nome em 1942, em homenagem a seu fundador, quando seu principal coordenador reergue o Posto Agrícola em São Gonçalo. A seguir uma foto da construção do primeiro Prédio-sede do DNOCS em São Gonçalo por volta de 1922; em seguida a atual construção dos prédios I e II do DNOCS em 2008.



(Imagem 18: Construção do IAJAT - <file:///F:/JUSG%20-%20S%C3%A3o%20Gon%C3%A7alo,%20Sousa%20PB.htm>. Acesso em: 19/02/2017).



(Imagem 19: Foto panorâmica dos prédios IAJAT e da JUSG - Gentilmente cedida por Italo Pereira de Araujo, capturada em 28/03/2008).

A seguir imagens atuais do IAJAT e do prédio da Junta de Usuários do Açude Público de São Gonçalo (JUSG).



(Imagem 20: Prédio do IAJAT – Prédio I - Arquivo Pessoal: 22/05/2017)



(Imagem 21: Prédio da JUSG – Prédio II - Arquivo Pessoal: 22/05/2017)

Muito mudou em São Gonçalo e alguns prédios do DNOCS já não atuam no local com o mesmo vigor que atuava em tempos passados. Atualmente o prédio I funciona o IAJAT, onde é monitorado o nível de água do açude público e a distribuição de água para os mais de 132 lotes que são distribuídos nos Núcleos Habitacionais I, II e III.

No prédio II funciona a Junta de Usuários de Água do Açude Público de São Gonçalo (JUSG) que também monitora a distribuição de água e coleta de taxas dos colonos de São Gonçalo e região.

Ainda sobre o desenvolvimento do IAJAT e São Gonçalo, Manoel Luiz da Silva (1996, p. 45-47) comenta:

Quando o Dr. José Augusto Trindade foi convocado pelo Governo Federal para administrar os Serviços Complementares das Obras contra as Secas, no início da década de 1930, não teve dúvidas de que o projeto na região Nordeste daria certo. Levado, principalmente, pela força de vontade, pelo espírito de criatividade que tinha em desenvolver uma atividade voltada para o homem do campo mais carente, o sertanejo, desde o Piauí a Alagoas, procurou realizar um trabalho associativista, firmando o homem no seu habitat natural, com o objetivo de valorizar as suas próprias origens. Por todos os cantos que passou e disseminou seu trabalho, nas margens do Rio São Francisco ou nas mais difíceis localidades atingidas pela ação das secas, o Dr. Trindade semeou sementes férteis que germinaram e deram bons frutos. E a Paraíba teve a felicidade de abocanhar uma maior parte dessa fatia de

atividade, na região sertaneja, formando perímetros irrigados a jusante dos açudes Engenheiros Ávidos, Coremas, Condado e São Gonçalo, entre outros mananciais. O Perímetro Irrigado de São Gonçalo, considerado um modelo entre os demais, fundado ainda com a criação dos serviços complementares de obras contra as secas, produziu bons frutos e alcançou os objetivos que se tinham em mente.

O Instituto Agrônômico também foi uma grande obra no Distrito de São Gonçalo, tendo em vista os benefícios proporcionados à população. Foi através deste que os lotes e os campos experimentais de plantações eram administrados. Observe a imagem abaixo:



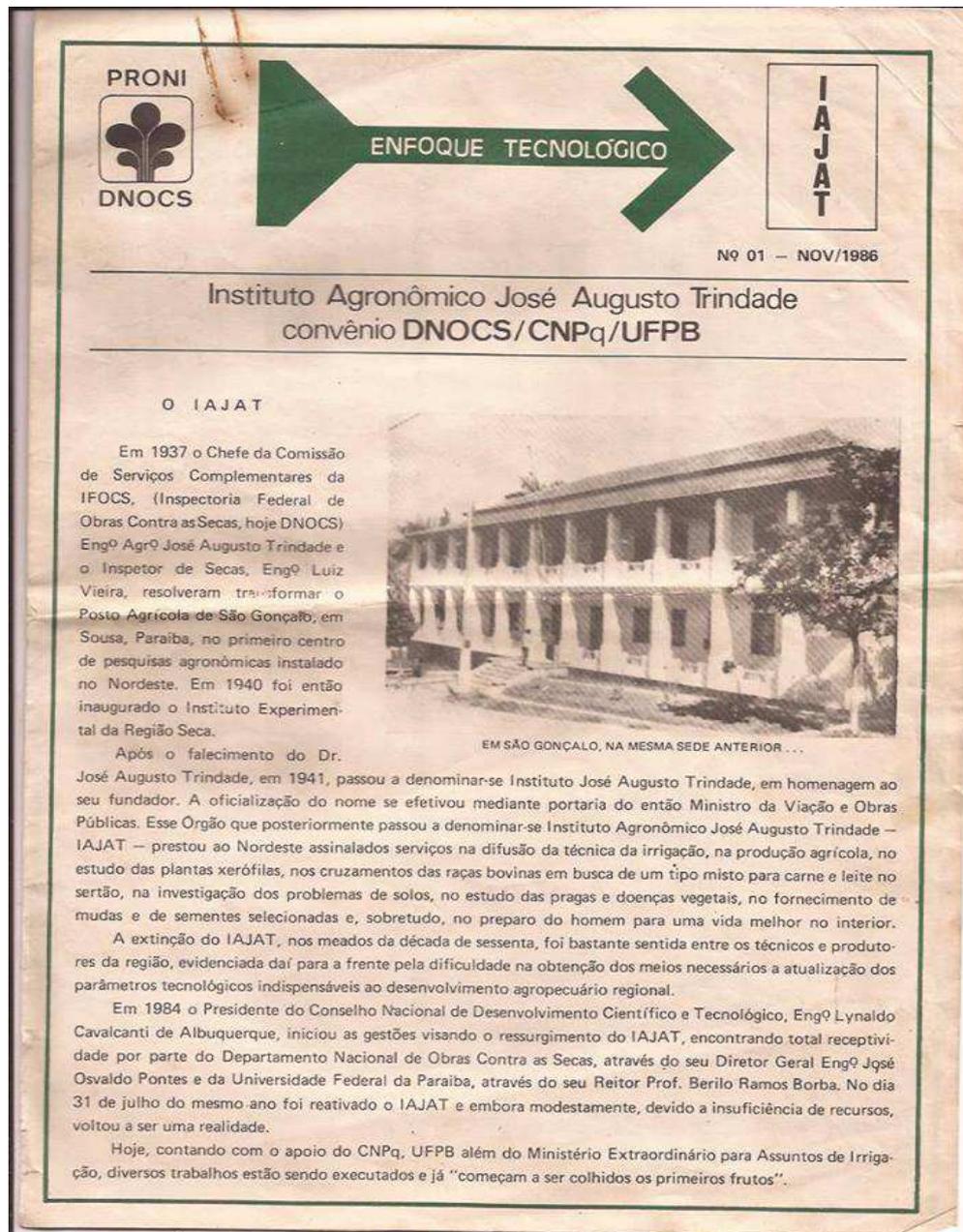
(Imagem 22: Campos Experimentais do IAJAT - Fonte: Sr. José Messias Filho).

Em relação a sua infraestrutura Alves (2013, p. 51) diz que o perímetro irrigado de São Gonçalo apresenta:

A) Rede de irrigação constituída por canais principais e secundários, responsáveis pela condução de água até os lotes agrícolas. A captação é feita diretamente do açude, pelos canais principais, Norte e Sul, que possuem respectivamente 14 km e 10 km de extensão. Os canais secundários, menores, somam 81 km de extensão. B) Sistema de drenagem constituído por coletores e por drenos principais e secundários. Os coletores são os próprios leitos dos rios Umari e Piranhas em trechos de 14 km e 13 km, respectivamente. A rede de drenagem principal, com 45 km, elimina o excesso da água dos setores de irrigação. Os drenos secundários somam 187 km de extensão. C) Sistema viário constituído por estradas principais, com 87 km de extensão e 6m de largura, bem como pelas estradas secundárias, que medem 140 km

de extensão e 4m de largura, permitindo assim acesso aos lotes e núcleos habitacionais I, II e III.

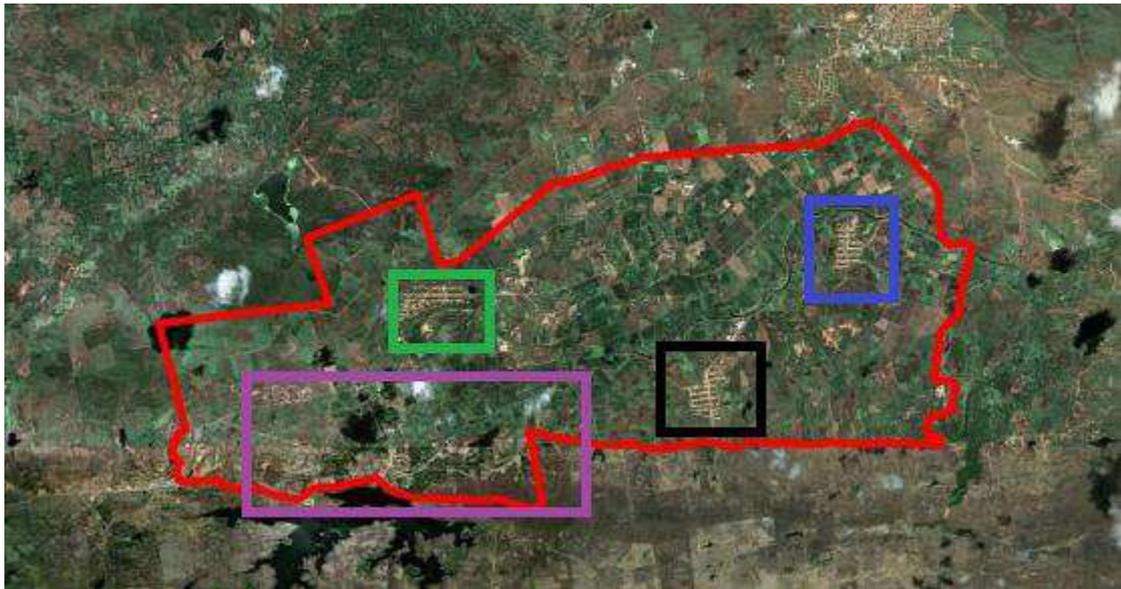
Veja a seguir um informativo que apresenta o surgimento e o objetivo do Instituto Agrônomo José Augusto Trindade<sup>1</sup>, gentilmente cedido pelo Sr. José Messias Filho.



(Imagem 23: Folheto sobre o IAJAT - Arquivo pessoal do Sr. José Messias Filho)

<sup>1</sup> O folheto faz parte do acervo que apresenta a história do Instituto Agrônomo. O acervo é do engenheiro agrônomo José Messias Filho. No final desta pesquisa existem em anexo outros materiais (imagens) que irão auxiliar ao leitor a conhecer mais sobre o Posto Agrícola e um dos seus baluartes: José Augusto Trindade.

O Distrito de São Gonçalo é uma das obras do IFOCS – Governo Federal que deu certo. O vasto território continua se desenvolvendo, embora a estiagem vez ou outra castigue o local. A imagem a seguir apresenta um recorte sobre a área do Distrito de São Gonçalo e dos Núcleos Habitacionais I, II e III, realizado com auxílio do programa Google Earth. Em vermelho está todo o Perímetro Irrigado de São Gonçalo (PISG), a cor roxa apresenta a sede (Distrito de São Gonçalo) em verde o Núcleo Habitacional I, na quadrícula preta o Núcleo Habitacional II e em azul o Núcleo Habitacional III.



(Mapa 2: Foto aérea do PISG - Google Earth. Manoel Faustino. Adaptado. Acesso em 17/05/2017).

Na segunda imagem observamos uma visão panorâmica do Distrito de São Gonçalo durante a última sangria do Açude Público, no ano de 2008.



Fonte: [http://www.panoramio.com/photo\\_explorer#view=photo&position=0&with\\_photo\\_id=20071943&order=date\\_desc&user=1514071](http://www.panoramio.com/photo_explorer#view=photo&position=0&with_photo_id=20071943&order=date_desc&user=1514071)

(Imagem 24: Foto panorâmica do Distrito de São Gonçalo - Fonte: [www.panoramio.com](http://www.panoramio.com). Acesso em 22/05/2017).

### 3.2. – OUTRAS IMPORTANTES OBRAS DO IFOCS EM SÃO GONÇALO.

O IFOCS investiu também na educação construindo a Escola Guimarães Duque, que serviria para o ensino dos filhos dos funcionários que se instalavam na região para se dedicarem a diversas atividades, principalmente a plantação de coco e banana. A escola atualmente recebeu o nome de Escola Estevam Marinho, em homenagem ao engenheiro que foi um dos principais responsáveis pela construção do Distrito. Alves (2013, p. 184) relata que:

O antigo Grupo Escolar São Gonçalo iniciou suas atividades em 1940, sendo, durante muitos anos, a única escola pública da localidade. Atuou como escola regular de nível primário até o ano de 1958, haja vista a fundação do Grupo Escolar Estevam Marinho. Tinha como finalidade o ensino primário aos filhos dos servidores e pessoas que viviam no acampamento em cooperação ou sob contrato com o IFOCS, no qual chegou a matricular cerca de 200 alunos, que recebiam, diariamente, além da instrução uma merenda escolar de leite, associado com vitaminas e sais minerais. A escola dispunha de quatro salas de aula. O ensino regular funcionava no período da manhã.



(Imagem 25: Grupo Escolar Estevam Marinho – Arquivo Pessoal: 22/05/2017)

É importante lembrar também da “Rua 16”. Essa rua foi pensada pelo engenheiro Estevam Marinho na companhia de engenheiros americanos que construíram 16 casas no ano de 1932 com a arquitetura totalmente americana. Nessa rua fica localizada a Igreja Católica. A imagem abaixo apresenta a pavimentação da Rua 16.



(Imagem 26: Pavimentação da Rua 16 - Livro: Hotel Catete, memórias e glórias. Josemar Alves Soares, p: 31).

A Rua 16 é hoje uma das ruas mais movimentadas do Distrito. Digo isso em relação as festividades da Igreja Católica, as missas e ao acesso ao Campo de Futebol e aos prédios do IAJAT. A imagem a seguir é da Rua 16 atualmente. A arquitetura que anteriormente apresentara moldes norte-americanos deu lugar a outro aspecto como é apresentado a seguir.



(Imagem 27: Rua 16 – São Gonçalo – PB. Arquivo pessoal: 22/05/2017).



(Imagem 28: Igreja Católica de São Gonçalo - Rua 16 – São Gonçalo – PB. Arquivo pessoal: 22/05/2017).

Destaco aqui também o Posto Telefônico e a Casa de Hóspedes. Ambos possuem a mesma estrutura original:



(Imagem 29: Centro Telefônico: criado em 1941. Possuía 40 ramais e interligava todos os setores do IFOCS. Imagem cedida pelo Sr. José Messias Filho).



(Imagem 30: Casa de Hóspedes. Era destinada para receber autoridades que vinham para São Gonçalo. Hospedou os Presidentes da República Juscelino Kubitschek (1958) e Ernesto Geisel (1977) - Foto cedida pelo Sr. José Messias Filho).



(Imagem 31: Prédio dos antigos apartamentos do IFOCS em São Gonçalo, por ali passaram várias pessoas que colaboram com o perímetro. Seus moradores vinham de outras localidades. Dona Mariana Alves e Dona Zefa Galdino foram às primeiras zeladoras deste local. Imagem cedida pelo Sr. José Messias Filho).



(Imagem 32: Apartamentos atualmente – Arquivo Pessoal: 22/05/2017).



(Imagem 33: Cooperativa de consumo dos servidores do IFOCS. Sua inauguração ocorreu em 1940. Seu objetivo era fornecer alimentos com preços abaixo dos oferecidos no mercado).



(Imagem 34: Foto atual da Cooperativa de consumo dos servidores do IFOCS. Atualmente funciona o Mercadinho de Jaia. Nesta mesma imagem podemos observar a antiga padaria (esquerda) e o açougue (direita). Atualmente a padaria transformou-se numa madeireira e o açougue numa loja de material de construção. Arquivo pessoal: 22/05/2017).

A fábrica de manilhas, telhas e tijolos foi também um dos lugares de extrema importância no que se diz respeito às obras iniciadas pelo IFOCS em São Gonçalo. O local funcionou nas décadas de 1930 a 1950. Segue imagem abaixo.



(Imagem 35: Fábrica de manilhas, telhas e tijolos - Fonte: Sr. José Messias Filho).

Em relação ao Hospital e Maternidade Dr. Francisco Carneiro, localizado no Distrito de São Gonçalo, Alves (2013, p. 195) destaca que:

Foi construído na década de 1930, no mesmo prédio em que funciona atualmente. Todavia, na década de 1940, o ambiente foi adaptado, em que funcionou o centro telefônico. O segundo hospital de São Gonçalo, conhecido também como lactário, adaptado pela IFOCS em uma casa na Rua 16, em que residiu Ageu Siqueira, funcionou durante a década de 1940 até início da década de 1950.



(Imagem 36: Hospital e Maternidade Dr. Francisco Carneiro – São Gonçalo - Fonte: Sr. José Messias Filho).

### **3.3. ORIGEM DO NOME SÃO GONÇALO.**

Não existe uma explicação cabal a respeito do nome do Distrito. São histórias e estórias que surgem para explicar a origem do nome do local. Uns dizem que foi promessa do engenheiro Estevam Marinho com Nossa Senhora de Lourdes e São Gonçalo.

O engenheiro Estevam Marinho, um dos responsáveis pela idealização do projeto do Distrito de São Gonçalo possuía devoção a Nossa Senhora de Lourdes a ponto de mandar construir uma gruta em homenagem a sua santa de devoção de frente ao Açude de São Gonçalo. Essa construção é bastante visitada atualmente por moradores e turistas que realizam orações e pagam suas promessas subindo nos degraus que dão acesso à Gruta, como apresentado na imagem a seguir:



(Imagem 37: Gruta de Nossa Senhora de Lourdes - Arquivo pessoal: 22/05/2017)

Ainda se tratando de uma explicação religiosa para o nome do Distrito ser chamado de São Gonçalo era a devoção do engenheiro Estevam Marinho e sua esposa Dona Cleomar Marinho a São Gonçalo. Segundo Alves (2013, p. 209):

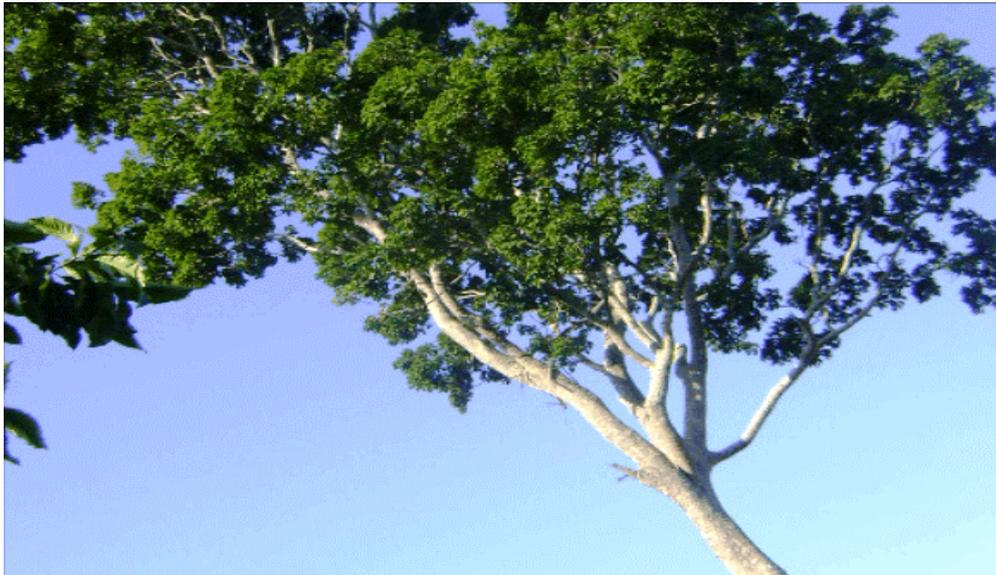
Anualmente, no período de 1 a 9 de janeiro, rezam-se as novenas em louvor ao Santo Padroeiro, na Capela de São Gonçalo e, no dia 10 de janeiro, às 19:00 horas, ocorre a procissão. Ela percorre as principais ruas do acampamento, retornando à igreja para a celebração da santa missa. Esta tradição advém desde a década de 1930, cuja organização ficava a cargo da esposa do engenheiro Dr. Estevam Marinho, Dona Cleomar Marinho, conhecida por Dona Zizita, de tradicional família paraibana, descendente do Barão do Abiaí.

Antigos moradores do Distrito relatam que Marinho era bastante católico e com isso atribuiu o nome do Distrito de São Gonçalo. Santo conhecido como “tocador de viola” e padroeiro dos músicos. Sua imagem é de um homem de baixa estatura, com chapéu, botas e de viola nas mãos.



(Imagem 38: São Gonçalo. Fonte:<http://www.sertaopaulistano.com.br/2014/03/2mares-luzes-sobre-nossa-historia.html>)

Outros relatam que o nome foi dado em homenagem a planta chamada de gonçalave, bastante presente na vegetação do Distrito. A imagem abaixo é de um *Astronium Macrocalyx*, vulgarmente conhecida como “gonçalave”.



(Imagem 39: Planta Gonçalave. Fonte: [artesanatocomdesign.blogspot.com.br](http://artesanatocomdesign.blogspot.com.br). Acesso em: 22/05/2017)

Soares (2016, p. 10) enriquece esse trabalho através dos seus versos quando diz:

No princípio, era um imenso vale retilíneo e verdejante, encantado de beleza, bonito por natureza, imaculado e quase desabitado; ocupado apenas pela caatinga e por alguns grupos de silvícolas. Em suas veias, escorriam águas intocáveis e cristalinas. Água doce da melhor qualidade, banhando aluviões férteis, distribuindo vida e abundância desde a serra do bongá, na divisa com estado do Ceará, até o extremo leste das terras potiguares, abraçando a infinitude do mar. O rio corria o seu próprio destino, traçado desde as primeiras linhas do livro sagrado cristão. Não era barrado em nenhuma parte de seu corpo, de seu curso. Não havia necessidade nem obsessão em ser perenizado. Os peixes iam e vinham, livremente. Por onde passava, o rio provocava um rastro de reconstrução sobre a murchudez e sequidão das terras áridas. O vale era regido apenas pelas leis da natureza. Não possuía dono, era de todos. Contudo, tinha sua guarda confiada em mãos seguras. Era vigiado de perto por uma serra monumental, bem vestida de juremas, aroeiras e angicos. Na sua base, por debaixo de suas vestimentas, escondia uma enorme e fabulosa pedreira, que teria grande serventia no futuro, no século XX, com a chegada dos homens brancos americanizados. Era um vale natural, sem estradas, sem veículos de qualquer tipo. Possuía apenas acanhadas trilhas, que conduziam os seus nativos, animais e gente, muitas vezes em círculos, sem rumos ou futuro definido. A modernidade das lamparinas a querosene e lâmpões a gás ainda não haviam chegado para combater as trevas e penumbras sertanejas. Apenas sol, lua e estrelas separavam a escuridão da luz. Ao longo do dia e noite, estrelas e satélite transformavam a verdidão do vale em um carrossel de cores vivas. A vida, na amplitude e vastidão do sertão, corria lenta, sem pressa. Até mesmo o vento, que soprava rasteiro e sem destino, em silêncio catacumbal, agia sem afobação. Mas um dia, tudo mudaria... Séculos depois, começaram a chegar homens de pele esbranquiçada, com linguajar de outro mundo, que ninguém entendia nada, e corpo acobertado com um material estranho, dos pés à cabeça. Somente a face e os braços à mostra. Não eram civilizados. Tinham gosto de sangue na boca e de dominação nos olhos. Possuíam instrumentos de aço que cuspiam fogo a distância. Eram armas certeiras, mortais, sanguinárias. Chegaram para matar. Em pouco tempo, o vale se avermelhou em lágrimas de sangue, com a derrubada de parte da mata virgem, a exterminação e expulsão dos indígenas de sua terra natal. O rio e a serra presenciaram aquele massacre, mas nada puderam fazer. Não eram páreos para aqueles exércitos desumanos. Até hoje, são as únicas testemunhas vivas daquele mortifício. A partir daquele momento nefasto, o vale passou a ter novos mandatários. Eram estrangeiros de longes terras. Vieram fazer uma nova história às custas do sangue vermelho dos nativos e da seiva verde da floresta.

Esse lugar trás consigo um pouco de beleza, poesia e história na sua gênese. São Gonçalo nasceu na luta do sertanejo pela sobrevivência e adaptação às secas no Nordeste. Foi gerado em meio ao trabalho árduo, na ajuda mútua. Certeau (1998, p. 97) narra a respeito das ações que o fraco pode empreender onde:

É necessário ainda precisar a natureza dessas operações por outro prisma, não mais a título da relação que mantém com um sistema ou ordem, mas enquanto há relações de forças definindo as redes onde se inscrevem e delimitam as circunstâncias de que podem aproveitar-se. Sendo assim, de uma referência linguística é preciso passar uma referência polemológica. Trata-se de combates ou de jogos entre o forte e o fraco, e das “ações” que o fraco pode empreender.

As práticas do consumo (o açude, as terras férteis do Distrito, o povo hospitaleiro) juntaram os que por perto já estavam e trouxeram outros vindos de longe para se engajarem na labuta e na esperança de que dias mais esperançosos iriam surgir.

## CONCLUSÃO

O desenvolvimento e conclusão desta pesquisa me fez consolidar a afirmativa de que o Nordeste é palco da ação severa das secas. Sendo assim, ganhou rótulos diversos em relação ao seu povo e território. Os autores que citei no início desta pesquisa apresentaram a região nordestina e o imaginário construído pelo outro, pelo discurso. Logo se conclui que estes não estavam errados ao dizerem que é o discurso que, em alguns momentos, molda o Nordeste, o nordestino, o sertanejo.

Cada povo, crença, costumes, a Casa Grande, senzala, o místico (beato), o massapê, a cana – de – açúcar, o algodão, café e a estiagem: eis o Nordeste. Percebe-se que somos muitos. O processo de feitura é contínuo. Afinal, o Nordeste é só seca? Não! O Nordeste não é só seca. Cheguei a conclusão que o Sertão não é só seca.

Percebi que o IFOCS constituiu-se a partir das necessidades que surgiram no Nordeste. IFOCS e NORDESTE estão ligados um ao outro. Se completam. É vital a ligação entre ambos no processo que levou à construção de São Gonçalo. Realmente há sim um novo Nordeste, um outro sertão. Há poesia, música e arte.

Ao concluir minha pesquisa realmente trilhei caminhos, descobri fatos históricos do Distrito de São Gonçalo que despertou em mim o desejo de dar continuidade nessa trilha de descobertas. Minha paixão por São Gonçalo e a alma de sertanejo foram alimentadas com a realização desta pesquisa.

Foi o açude a principal obra construída no Distrito de São Gonçalo. Responsável pela abertura de possibilidades para que o Governo Federal intensificasse suas ações no combate as secas.

O IFOCS construiu mais que obras de assistencialismo. Construiu laços familiares entre os trabalhadores (cassacos, colonos, etc.). Esses “laços” de cordialidade existem até hoje entre os que aqui residem. O fazer interferiu no viver daqueles que aqui chegaram. Mais do que a chegada das máquinas, das ações, das práticas e das obras, o IFOCS também determinou a construção do cotidiano numa região que outrora foi atingida pelas secas.

Após percorrer todas as etapas dessa pesquisa, coletando dados e realizando as discussões necessárias foi de extrema importância analisar o Nordeste segundo o ponto de

vista de autores como Gilberto Freyre, Djacir Menezes, Durval Muniz e Mariana Moreira. O resultado foi positivo em relação a desconstrução de um discurso repetitivo do Nordeste como sendo somente a região castigada pelas secas.

Dada à importância do assunto, tornou-se necessário compreender o que é o Nordeste. As conexões entre o Nordeste e o IFOCS são de extrema importância, já que é nessa região onde o Instituto Federal de Obras Contra as Secas atuou e desenvolveu seus planos de ação para amenizar a estiagem e criar meios de sobrevivência com a mesma.

Compreender a construção do Distrito de São Gonçalo é também perceber as práticas formadoras deste lugar. Além do canteiro de obras do Açude de São Gonçalo estavam também os diversos personagens, já citados anteriormente, que se fixaram no Distrito e se doaram a labuta incessante. Homens e mulheres que concretizaram ações outrora pensadas pelo Governo Federal. Cada prédio construído, cada laço de amizade e familiar que foi concretizado só enriquecem as afirmações de Certeau, citadas na introdução dessa pesquisa. As “teorias da arte de fazer” foram exemplificadas aqui pela tríade: Nordeste, IFOCS e o Distrito de São Gonçalo.

São Gonçalo é herança da coragem, somada as boas ações que o Governo Federal teve em tentar amenizar os castigos da estiagem. Os que ali chegaram tinham a força e coragem do sertanejo, do nordestino.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4ª ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2009.
- ALMEIDA, José Américo de. **As Secas do Nordeste**. 2ª ed. Coleção Mossoroense, 1981.
- ALVES, Joaquim. Secas dos séculos XVII e XVIII. **Revista Conviver Semiárido**, Fortaleza, v. 1, n. 4, out-dez. 2004.
- BOURDIEU, P. **Espaço social e gênese das classes**. In: O Poder Simbólico. Lisboa: Difel, 1989.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FOUCAULT, Michel **A Ordem do Discurso**. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009a.
- FREYRE, Gilberto. **Nordeste: Aspectos da Influência da Cana sobre a Vida e a Paisagem do Nordeste do Brasil**. 7ª ed. São Paulo: Global, 2004.
- FRITSCH, Winston. Apogeu e crise na Primeira República: 1900-1930. In: ABREU, Marcelo. **A Ordem do Progresso**. Rio de Janeiro: Campus, 1990, p. 31-72.
- GOMES, Alfredo Macêdo. **Imaginário Social da Seca**. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1998.
- MELLO, Evaldo Cabral de. **O Norte Agrário e o Império**. Rio de Janeiro: TopBooks, 1999.
- MENEZES, Djacir. **O Outro Nordeste**. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1970.
- MIGUEL, Arrojado Ribeiro Lisboa. **O Problema das Secas**. Conferencia pronunciada em 1913. IN SOUZA, Eloy ET AL. Memória da seca. 1980:110).
- MOREIRA NETO, Mariana . **Outro Sertão: fronteiras da convivência com o Semiárido**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2013.
- PENA, Rodolfo F. Alves. "**O Nordeste é só seca?**"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/brasil/o-nordeste-so-seca.htm>>. Acesso em 01 de junho de 2017.
- QUEIROZ, Claudia Nascimento de. **O Processo de Construção da Pequena Produção (Familiar) Modernizada – (O Caso do Perímetro Irrigado de São Gonçalo-PB)**. Dissertação de Mestrado. UFPB, Campina Grande, 1993.
- SILVA, Clodomiro Pereira. **O Problema das Secas no Nordeste Brasileiro**. Volume CCCXLVIII. Coleção Mossoroense. USP. São Paulo, 1987.
- SILVA, Manoel Luiz da Silva. **Vida e Obra de José Augusto Trindade**. 1ª Ed. João Pessoa: Gráfica UNIPÊ; p. 45-46; 1996.

SOARES, J. A. **Hotel Catete: memórias e glórias..** 1ª edição. Sousa: Ed. do Autor, 2017.

SOARES, J. A. **São Gonçalo: Fragmentos da História.** 1ª edição. Sousa: Ed. do Autor, 2016.

SOARES, J. A. **Zé Tarzan e Nina: As Margens do Rio Piranhas.** 1ª edição. Sousa: Ed. do Autor

TAVARES, Maria da Conceição. **Seca e Poder: entrevista com Celso Furtado.** 1ª Ed. São Paulo: Ponto de Partida. 1998.

VILLA, Marco Antônio. **Vida e Morte no Sertão.** São Paulo: Ática, 2000.

#### **SITES:**

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000491.pdf>. Acesso em 14 de março de 2017.

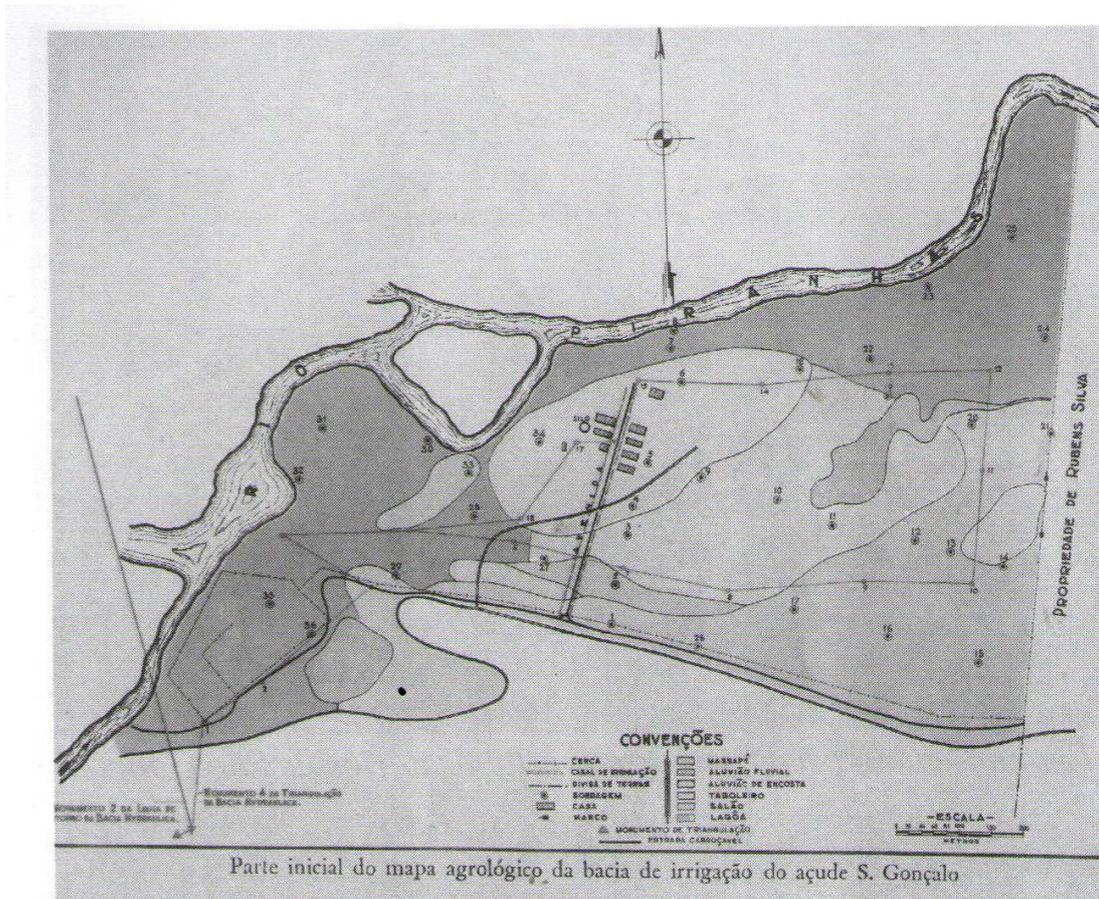
[www.dnocs.gov.br](http://www.dnocs.gov.br). Acesso em 10 de maio de 2017.

<http://www.foebr.org/noticia.php?id=105>. Acesso em: 04/04/2017.

<http://lorottanews.com/site/index.php/agricultura-da-regiao-sul-tem-perda-de-r-28-bilhoes-com-a-seca/> Acesso em 04/04/2017.

<file:///F:/Iba%20Mendes%20A%20Ind%C3%BAstria%20da%20Seca%20no%20Brasil%20-%20I.htm>. Acesso em: 26/04/2017

# **ANEXOS**



*Foto antiga e reduzida com a parte inicial do mapa agrológico da bacia de irrigação do açude de São Gonçalo*

(Livro: A agronomia do essencial – Marcos Augusto Trindade. Página: 520).

## O IAJAT ONTEM

Em 1937 o Chefe da Comissão de Serviços Complementares da IFOCS, Engo. José Augusto Trindade e o Inspetor de Secas, Engo. Luiz Vieira, resolveram transformar o Posto Agrícola de São Gonçalo, na Paraíba, no primeiro centro de pesquisas agrônomicas instalado no Nordeste: o Instituto Experimental da Região Seca. Os trabalhos necessários para a transformação, duraram três anos. Em 10. de outubro de 1940 ocorreu a sua inauguração.

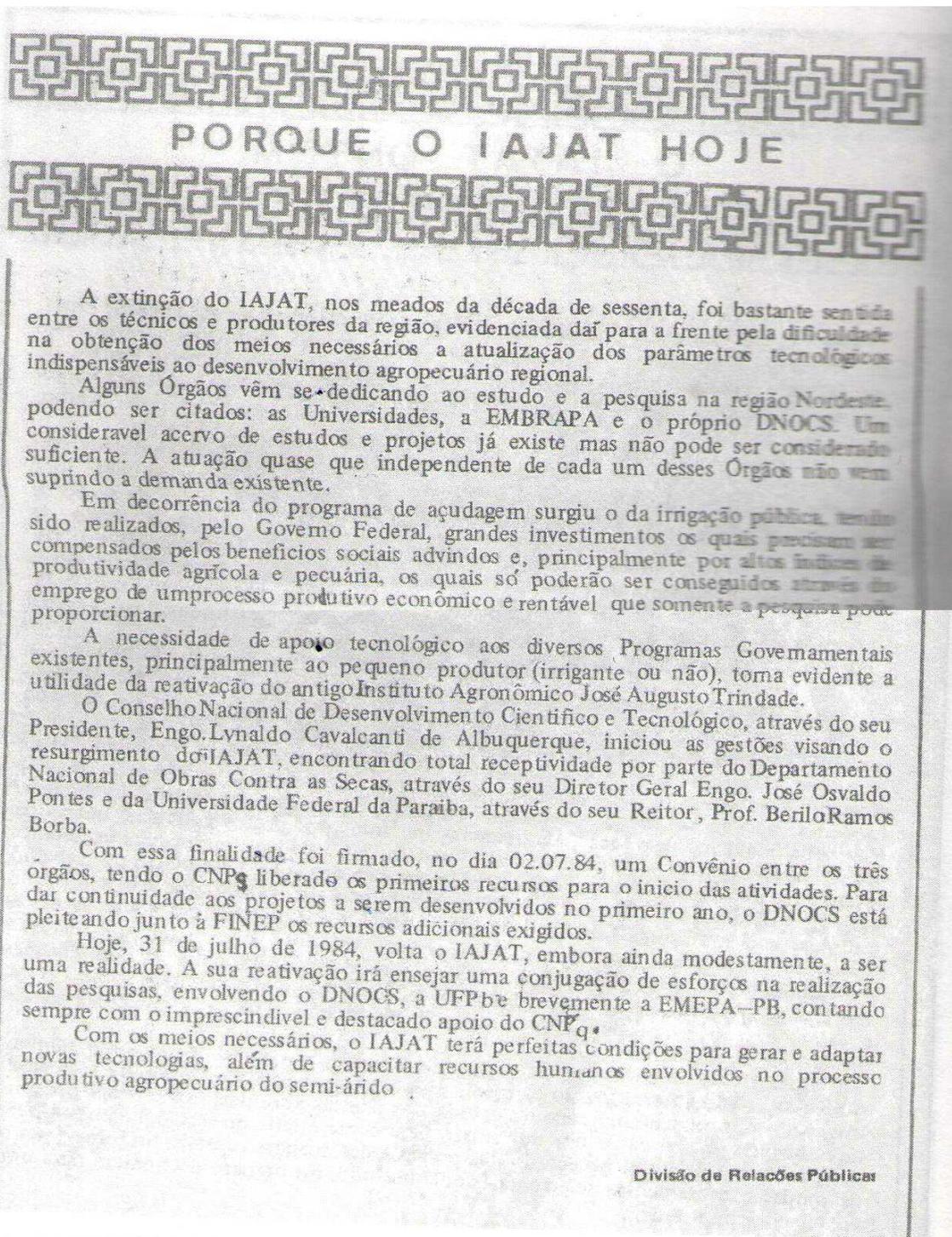
O Instituto Experimental da Região Seca nasceu da necessidade de se desenvolver as pesquisas nas áreas de horti-pomi-silvicultura e zootecnia. Seu primeiro chefe foi o Engo. Agro. Manuel Tavares que acumulava também a função de chefe da seção de agronomia; o Engo. Agro. Paulo de Brito Guerra dirigia a seção de horti-pomi-silvicultura; o Engo. Agro. Ilse de Araújo Sousa a de zootecnia e o Dr. Philipp Von Luetzelburg a de botânica e ecologia, tendo o Engo. Agro. Manuel Alves de Oliveira assumido posteriormente a seção de ecologia, juntamente com a de fitossanidade. Haviam ainda as seções de solo e cooperação, intensificadas após a inauguração.

Em princípio de 1941, após o falecimento do Dr. José Augusto Trindade, o Instituto Experimental da Região Seca passou a denominar-se Instituto José Augusto Trindade, em homenagem ao seu fundador. A oficialização do nome se efetivou mediante portaria do então Ministro da Viação e Obras Públicas.

Esse órgão, que posteriormente passou a denominar-se Instituto Agrônomo José Augusto Trindade - IAJAT - estava aparelhado de todos os recursos da técnica moderna, não só de campo, como de laboratório, para atender às suas finalidades. Competia realizar, além das incumbências inerentes aos postos agrícolas, outras de grande importância para o desenvolvimento da atividade agropecuária, como: levantamentos agrogeológicos, análise físico-química dos solos para efeito do trabalho agrícola visando a sua conservação e recuperação pela drenagem, adubação e correção química; análises bromatológicas; estudos científicos e experimentais sobre as novas técnicas agrícolas em desenvolvimento; estudos sobre irrigação; estudos sócio-econômicos das populações; estudos visando o melhoramento das diversas espécies econômicas, vegetais e animais, da região; estudos especulativos sobre a flora, a fauna e o solo; produção de sementes, em alta escala, para fornecimento aos produtores da região.

Apesar das dificuldades de verbas e da falta de pessoal técnico em número suficiente, o IAJAT prestou ao Nordeste assinalados serviços na difusão da técnica da irrigação, na produção agrícola, no estudo das plantas xerófilas, nos cruzamentos das raças bovinas em busca de um tipo misto para carne e leite no sertão, na investigação dos problemas de solos, no estudo das pragas e das doenças vegetais, no fornecimento de mudas e de sementes selecionadas e, sobretudo, no preparo do homem para uma vida melhor no interior.

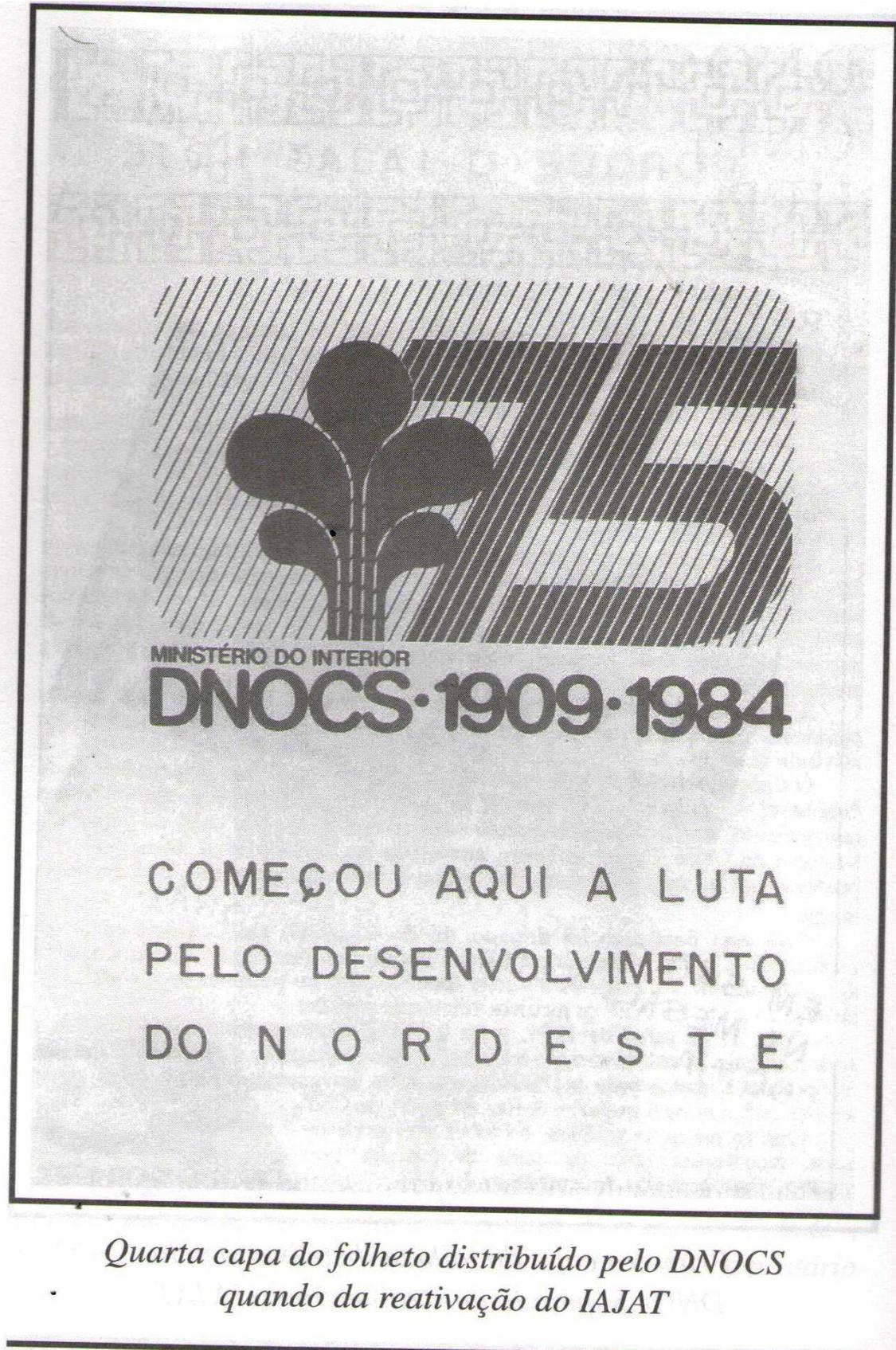
*A primeira parte do folheto distribuído pelo DNOCS  
quando da reativação do IAJAT*



*A segunda parte do folheto distribuído pelo DNOCS  
quando da reativação do IAJAT*



*Primeira capa do folheto distribuído pelo DNOCS quando da reativação do IAJAT*



# DR. JOSÉ AUGUSTO DA TRINDADE

O falecimento do ilustre chefe da Comissão de Serviço Complementares da Inspetoria de Sêcas — O seu enterramento ontem nesta capital

A TERRA paraibana recebeu ontem no seu seio o corpo inanimado de José Augusto da Trindade.

Faleceu o ilustre agrônomo na vizinha metrópole do sul, onde se encontrava hospitalizado, vítima de sofrimentos atrozes, e o seu corpo foi conduzido em automóvel até esta capital, onde, á tarde, se realizou o enterramento, no Cemitério Público Municipal.

Era o dr. José Augusto da Trindade o mais modesto dos grandes homens de ação, sob cujos influxos haja experimentado a nossa terra modificações fundamentais. Permanente se lhe notava um esforço não artificioso de ocultação, quasi de dolosa, dos seus singulares merecimentos, sua preparação técnica e que cultura especializada.

Possuia, como ninguém, a vocação da terra e formou-se em agronomia por impulso que se poderia classificar de emocional e organico.

Desde muito moço vinculou seu nome á Paraíba á qual doou todas as energias de sua mocidade, sem outras



*O falecimento do engenheiro-agrônomo José Augusto Trindade repercutiu na Imprensa local, regional e nacional*